

# REFLEXÕES ACERCA DA PANDEMIA S ACERCA DA PANDEMIA COVID-19

Uma visada filosófica



Gabriel Galdino  
Mariana Paolozzi  
(Orgs.)



Os trabalhos aqui reunidos resultam da retomada das aulas na UFSC em modo emergencial, isto é, por meio do ensino a distância. Após meses de premente pressão desencadeada pela COVID-19 em março de 2020, com o retorno emergencial às aulas, propus aos meus alunos de graduação (da disciplina Seminário de Pesquisa em Filosofia) que refletissem sobre a crise pela qual estamos passando. Os textos que seguem são dos discentes que se interessaram em participar deste projeto de pesquisa e publicação. Seus conteúdos são de total responsabilidade dos alunos, cabe aos leitores avaliá-los em suas contribuições. A pergunta inicial lançada aos discentes foi: “Qual sua interpretação a respeito da crise atual? Como sair dela?”.

**Mariana Paolozzi**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



**REFLEXÕES ACERCA DA PANDEMIA COVID-19**  
UMA VISADA FILOSÓFICA



# REFLEXÕES ACERCA DA PANDEMIA COVID-19

UMA VISADA FILOSÓFICA

Organizadores

**Gabriel Galdino**  
**Mariana Paolozzi**

Autores

**Eric Bitencourt, Gabriel Galdino, Victória Hautz, Daniel Lunelli,  
Fernando Nazário, Viviane dos Santos, Caio Silvano e Luciano Weber**



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:**

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

GALDINO, Gabriel; PAOLOZZI, Mariana (Orgs.)

Reflexões acerca da pandemia COVID-19: uma visada filosófica [recurso eletrônico] / Gabriel Galdino; Mariana Paolozzi (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

88 p.

ISBN - 978-65-5917-375-4

DOI - 10.22350/9786559173754

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. COVID-19; 2. Pandemia; 3. Coletânea; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

---

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

*Nosso país está entre aqueles com a pior gestão pública da pandemia, o que não é uma mera fatalidade. Dedicamos estas reflexões a todos aqueles que se foram, aos que sofreram com ela; manifestamos nossa esperança de que se instaure uma sociedade mais pacífica, e um convívio mais humano.*

*Agradecemos o apoio financeiro do PPGFIL-UFSC (Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina) que possibilitou a publicação deste livro.*



# Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Prefácio</b>  | <b>11</b> |
| <hr/>  |           |
| João Lupi  |           |
| <b>Introdução</b>  | <b>14</b> |
| <hr/>  |           |
| Mariana Paolozzi   |           |
| <b>1</b>   | <b>16</b> |
| <hr/>  |           |
| <b>Ética, COVID-19 e cientificismo: uma perspectiva wittgensteiniana</b>   |           |
| Eric Bitencourt de Santana   |           |
| <b>2</b>   | <b>29</b> |
| <hr/>  |           |
| <b>A crise atual seria uma manifestação da <i>falha metabólica</i> na interação ser humano-natureza?</b>                                 |           |
| Gabriel A. Galdino   |           |
| <b>3</b>   | <b>34</b> |
| <hr/>  |           |
| <b>As possíveis relações entre o modo de existência ocidental e a contingência</b>   |           |
| Victoria Hautz   |           |
| <b>4</b>   | <b>40</b> |
| <hr/>  |           |
| <b>Colonialismo, exploração animal e capitalismo, um ponto de equilíbrio para o caos? Reflexões acerca da pandemia de COVID-19</b>       |           |
| Daniel Lunelli   |           |
| <b>5</b>   | <b>50</b> |
| <hr/>  |           |
| <b>Da possibilidade de autocorreção ou autofagia da atual era geológica: evolução aos trancos e barrancos do espírito no antropoceno</b> |           |
| Fernando Nazário   |           |
| <b>6</b>   | <b>58</b> |
| <hr/>  |           |
| <b>Somos corresponsáveis pela pandemia do coronavírus?</b>   |           |
| Viviane Regina dos Santos  |           |

**7** **63**

---

**A crise e as curas prometidas**

Caio Adriano Silvano

**8** **78**

---

**COVID e o adocimento da democracia latino-americana**

Luciano Weber

**Anexo I** **84**

---

**A crise atual seria uma manifestação da *falha metabólica* na interação ser humano-natureza?**

Gabriel A. Galdino

**Anexo II** **86**

---

**Uma breve digressão**

## **Prefácio**

*João Lupi*<sup>1</sup>

A pandemia trouxe não só medos e cuidados, mas um pandemônio de opiniões divergentes, de atitudes controversas, entre as quais certo descrédito acerca da ciência, e decisões conflitantes. Nestas condições é difícil alguém estar tão alheio e distante da circulação de notícias e opiniões para não ser afetado pelo que acontece e se diz no mundo. Todos temos sido chamados, seja em público ou em conversa familiar, a dar parecer sobre a pandemia, e a refletir sobre ela. Com tal diversidade de mundos em confusão as ciências e os cientistas foram interpelados para que se pronunciassem – aliás, por vezes nem foram convidados, mas espontaneamente falaram – e não só biólogos e médicos, em suas especialidades, mas psicólogos e sociólogos, e de modo geral todas as ciências humanas. A confusão geral e internacional foi tão vasta e profunda, e tão interdisciplinar, que algumas vezes até (até!) os filósofos deram sua opinião e comentário. Há aqui que reparar em dois aspectos quase opostos: por um lado o ponto de vista interdisciplinar, ou interciências, que cada vez mais se mostra apto a considerar a pandemia na sua integralidade, é um ponto de vista muito próprio da filosofia, treinada para o pensamento sintético; por outro lado a prática e quase tradição do ensino da filosofia na modernidade é de estudar filologia e semântica filosóficas – o conceito de X na obra de Y – ou a de história comparada – como a filosofia medieval recebeu o neoplatonismo, e coisas

---

<sup>1</sup> João Eduardo Pinto Basto Lupi é um polímata luso-brasileiro graduado em Licenciatura em Filosofia, Teologia, Ciências Político-Sociais e Pedagogia.

semelhantes. A Filosofia, os professores de filosofia e seus discípulos, só olhava para si mesma, para si mesmos, e faziam história das idéias ou análise de conceitos achando que faziam filosofia. Só recentemente os filósofos se atreveram a fazer o que a filosofia realmente é: um olhar sobre o mundo, analisando-o segundo os modos e métodos tradicionais dos filósofos – ou adaptar métodos recentes à prática filosófica. Como dizia há cerca de 30 anos um aluno nosso: “você só nos falam de mortos!” Há muitos sinais de mudança, e muitas veredas abertas, outros caminhos mais próprios do fazer filosófico estão se afirmando, como o que faz a colega Mariana ao convidar seus alunos a pensarem como filósofos e não como historiadores, ou filólogos. O que se pode conseguir deste convite aos jovens é, para alguns, arriscado, temerário, ou mesmo inconveniente, mas para outros é necessário. Os resultados que conheço, e os que pratiquei, foram surpreendentes, como os textos de meus alunos de Filosofia de Segundo grau, em 1979, sobre “O futuro: uma incógnita”; ou os da graduação em Filosofia em 1985, sobre a apresentação de filósofos brasileiros mal conhecidos das universidades. Nos textos reunidos por Mariana há um sentido de vontade de falar, de prazer de comentar, nascidos do romper do silêncio pela oportunidade oferecida. Novos filósofos ou novas perspectivas filosóficas? É cedo dizer para textos tão curtos, mas certamente há neles pouco vocabulário de dicionários de filosofia, e em contrapartida algum vocabulário que abre a Filosofia ao mundo, como as críticas às terapias alternativas, de Caio Silvano; a análise da visão e da prática ocidental do mundo, de Victoria Hautz; mas mais presentes ainda as considerações sobre a ruptura da sociedade com a natureza, ou a sua alienação, objeto da reflexão de Daniel Lunelli, de Gabriel Galdino, e de Viviane R. dos Santos; Fernando Nazário está próximo quando propõe a necessidade de harmonizar a cultura com a ecologia, e Luciano Weber passa desta questão para a da múltipla relação

da pandemia com o crime institucional e político. De um modo ou de outro em todos os textos transparece a necessidade de revisão da sociedade com a natureza, alguns mesmo defendendo o veganismo. Mas reduzir o que está em cada escrito a um conceito, embora principal (ao menos aparentemente) é apenas uma apresentação, pois eles são bem mais ricos de considerações, vão muito além da epidemia e seu contexto, e em vários casos apontam novas vias. Neles se vê não só uma redação consistente, mas um pensamento amadurecido, e uma visão filosófica ampla, que estes colegas evidenciam.

Florianópolis, 8 de janeiro de 2021.

# Introdução

*Mariana Paolozzi*<sup>1</sup>

Os trabalhos aqui reunidos resultam da retomada das aulas na UFSC em modo emergencial, isto é, por meio do ensino a distância. Após meses de premente pressão desencadeada pela covid-19 em março de 2020, com o retorno emergencial às aulas, propus aos meus alunos de graduação (da disciplina Seminário de Pesquisa em Filosofia) que refletissem sobre a crise pela qual estamos passando.

Os textos que seguem são dos discentes que se interessaram em participar deste projeto de pesquisa e publicação. Seus conteúdos são de total responsabilidade dos alunos, cabe aos leitores avaliá-los em suas contribuições. A pergunta inicial lançada aos discentes foi: “Qual sua interpretação a respeito da crise atual? Como sair dela?”.

Debruçamo-nos por alguns meses no processo de levantamento de material bibliográfico, discussão e reflexão, buscando ordenar nossas sensações, medos, esperanças e desesperanças, aliadas a análises da conjuntura atual vindas de todas as partes, dessa experiência coletiva de caráter amplo.

Entrando agora quase em um segundo ano de pandemia, fica cada vez mais claro que, na verdade, estamos diante de uma sindemia, ou em seu aspecto mais agravado ainda, diante de um colapso civilizacional. O conceito de sindemia foi elaborado pelo epidemiologista Merrill Singer,<sup>2</sup> nos anos 1990, evocando a ideia de que sindemia significa uma doença

---

<sup>1</sup> Professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Filosofia. E-mail: [mariana.paolozzi@gmail.com](mailto:mariana.paolozzi@gmail.com).

<sup>2</sup> *Apud* BETTO, F. “Não é Pandemia, é Sindemia”. Disponível em: <<https://www.freibetto.org/index.php/todos-os-artigos/236-nao-e-pandemia-e-sindemia>>. Acesso em 12/01/21.

infeciosa entrelaçada a problemas sociais, políticos, econômicos, acrescentando-se a isso também a crise ambiental. Isso implica, portanto, que a covid-19 não pode ser tratada como problema isolado.

As reflexões que seguem ajudam-nos a nos situar frente a esses acontecimentos e sua complexidade. São apresentados variados pontos de vista, reflexões instigantes que compõem um quadro de diferentes matizes sobre a nossa própria autodestrutividade e a posição em que nos encontramos.

Como salienta Maria Rita Kehl,<sup>3</sup> neste momento é preciso invocar a 'louca da casa', ou a imaginação, para se estabelecerem e se criarem focos de civilização em meio à barbárie e enfrentamento desta crise. Referindo-se a Walter Benjamin, recorda que quando no campo de concentração, ele criava clubes de leitura e de debates.

Assim, também a Filosofia é chamada em cena, (esse ator tão desprestigiado nos últimos tempos) com aquilo que de melhor pode contribuir por meio do fazer filosófico, caracterizado também, por assim dizer, pela força de uma abordagem aglutinadora, ou por uma busca de visão abrangente da realidade, diferente das especificidades das ciências, por exemplo. Mais ainda, e fundamentalmente, esse fazer filosófico, sendo carregado de poder criador - como nos mostra a própria História da Filosofia - põe-se a serviço da transformação da realidade.

Passo então a palavra aos entusiastas colaboradores deste livro, pois é a partir destas características exclusivas à Filosofia - como bem o lembra o prof. Lupi no Prefácio - que tecem suas considerações.

São Paulo, 8 de fevereiro de 2021.

---

<sup>3</sup> Entrevista de Maria Rita Kehl ao Tutaméia, publicado por DCM. Disponível em: <https://www.diariodo-centrodomundo.com.br/e-preciso-criar-focos-de-civilizacao-em-meio-a-barbarie-diz-maria-rita-kehl/>>. Acesso em: 08/02/21.

## Ética, COVID-19 e cientificismo: uma perspectiva wittgensteiniana <sup>1</sup>

*Eric Bitencourt de Santana* <sup>2</sup>

Desde a declaração de pandemia do novo Coronavírus anunciada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, a comunidade filosófica iniciou (e retomou) importantes debates sobre questões bioéticas. Há diversos temas e amplas discussões sobre problemas bioéticos envolvendo a situação pandêmica da COVID-19. Problemas como “qual deve ser o critério para escolher pacientes em situações onde faltam leitos de UTI?” ou “qual a ordem de prioridade na vacinação em massa de um país?” são algumas das perguntas que surgem no cenário pandêmico. Uma discussão mais aprofundada desses problemas bioéticos pode ser conferida no trabalho *Saúde pública, justiça e cloroquina: aspectos farmacoepidemiológicos e reflexões bioéticas da pandemia da COVID-19 no Brasil*<sup>3</sup>.

Neste artigo, quero apresentar uma perspectiva sobre como a Ética e as ciências (em especial, as ciências da Saúde) se relacionam na pandemia e qual o papel de cada uma delas no contexto em que vivemos atualmente. Meu principal objetivo será mostrar que a Filosofia foi reduzida equivocadamente no discurso popular e no senso comum a uma disciplina

---

<sup>1</sup> *Dedico este artigo à brilhante colega Paola Perdigão (in memoriam), a qual tive discussões frutíferas sobre Wittgenstein e Agostinho.*

<sup>2</sup> Graduando no curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: bitencourteric@hotmail.com

<sup>3</sup> SANTANA, Eric; VÖLZ, Luanna. Saúde pública, justiça e cloroquina: aspectos farmacoepidemiológicos e reflexões bioéticas da pandemia da COVID-19 no Brasil. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43590>>. Acesso em: 09/03/2021.

inferior às ciências (mais especificamente, às ciências da saúde). No entanto, minha intenção será mostrar que essa visão inferiorizada da Filosofia é equivocada.

Para tanto, iniciarei este artigo apresentando que comparar a Filosofia com a ciência e inferiorizar a investigação filosófica não são atitudes exclusivas de nossa época. Uma situação semelhante a essa ocorreu quando o positivismo lógico teve destaque no século XX, em um momento posterior à virada linguística a partir da publicação do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein. Em seguida, vou apresentar alguns trabalhos de Bioética, destacando alguns dos aspectos filosóficos deles. No fim, pretendo convencer o leitor de que a Filosofia é uma investigação teórica tão importante e proveitosa quanto as investigações científicas no que diz respeito aos seus resultados e suas consequências para a vida prática.

## 1. A filosofia é inferior às ciências?

É comum observar na mídia o surgimento de diversas críticas às ciências humanas e à Filosofia, especialmente no Brasil. Alguns afirmam descuidadamente que a Filosofia é inferior às ciências Naturais e da Saúde<sup>4,5</sup> e outros sustentam que ela está fadada a desaparecer, já que não “progride” desde o seu surgimento<sup>6</sup>. O argumento (se é que podemos chamar isso de argumento) se fundamenta na crença de que a Filosofia<sup>7</sup> traz poucos ou nenhum resultado satisfatório para a vida prática. Essa crença

---

<sup>4</sup> Weintraub: ‘Não quero sociólogo, antropólogo e filósofo com meu dinheiro’. UOL Notícias. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/constanca-rezende/2020/06/14/weintraub-nao-quero-sociologo-antropologo-e-filosofo-com-meu-dinheiro.htm>>. Acesso em 09 de março de 2021;

<sup>5</sup> Bolsonaro sugere reduzir verbas para cursos de filosofia e sociologia. Exame. Acesso em: <<https://exame.com/brasil/bolsonaro-sugere-reduzir-verba-para-cursos-de-filosofia-e-sociologia/>>. Acesso em: 09 de março de 2021;

<sup>6</sup> Filosofia não é ciência e está fadada a desaparecer, afirma pesquisador. Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/06/filosofia-nao-e-ciencia-e-esta-fadada-a-desaparecer-afirma-pesquisador.shtml>;

<sup>7</sup> A partir daqui, falarei especificamente sobre a Filosofia. Fica subentendido que os mesmos argumentos também devam servir às Ciências Humanas;

de maneira alguma está de acordo com a realidade, como veremos à frente no texto. Aqueles que pensam que a Filosofia está fadada a desaparecer afirmam que a Ciência será capaz de resolver a maioria dos problemas do mundo e reduzem a Filosofia a investigações metafísicas de cunho platônico. Não pretendo dar uma definição clara ou discutir o que é Filosofia aqui, mas como também veremos mais à frente, há âmbitos da vida prática nos quais a Ciência não pode alcançar, fornecer resultados ou mensurar fisicamente (e, portanto, quimicamente e biologicamente). E o papel da Filosofia é suprir essa lacuna. Antes de entrarmos nas questões mais centrais deste artigo, vamos olhar um pouco para trás na história da filosofia.

### 1.1 O Círculo de Viena e o verificacionismo

No século XX surge o forte movimento chamado “Positivismo Lógico” que reunia filósofos, cientistas e matemáticos. O contexto era propício para o surgimento desse grupo, afinal, disciplinas como Matemática, Psicologia, Física e Química se tornavam cada vez mais áreas independentes da Filosofia. Como consequência disso, problemas que antes eram filosóficos foram respondidos independentemente do método filosófico. Diante desse desmembramento da Filosofia e do auge das descobertas científicas, uma questão permeia no ar: o que sobrou para a Filosofia?<sup>8</sup> Além disso, com a criação das geometrias não-euclidianas, pôs-se em discussão se a filosofia kantiana era consistente com o avanço da matemática moderna. Segundo Russell,<sup>9</sup> um positivista lógico defende que não há um “conhecimento especial” que só a Filosofia pode alcançar como, por exemplo, o conhecimento metafísico. Para ser mais específico, um positivista lógico descartaria qualquer tipo de filosofia que não pudesse ser verificada por

---

<sup>8</sup> CREATH, Richard. "Logical Empiricism". Disponível em:

<<https://plato.stanford.edu/entries/logical-empiricism/>>. Acesso em: 09/03/2021.

<sup>9</sup> RUSSELL, Bertrand. Logical positivism. *Revue internationale de philosophie*, p. 3, 1950;

alguma ciência empírica ou não é verdadeira analiticamente (como a lógica clássica e a matemática clássica).

O manifesto chamado *A concepção científica do mundo: o Círculo de Viena*<sup>10</sup> escrito por Hans Hahn, Rudolf Carnap e Otto Neurath, o qual também apresenta os nomes de Russell, Wittgenstein e Einstein em seu apêndice, caracterizam a concepção científica do mundo como

empirista e positivista: há apenas conhecimento empírico, baseado no imediatamente dado. Com isso se delimita o conteúdo da ciência legítima. Em segundo lugar, a concepção científica do mundo se caracteriza pela aplicação de um método determinado, o da análise lógica. [...] Do mesmo modo que o sentido de todo enunciado científico deve poder ser indicado por meio de uma redução a um enunciado sobre o dado, assim também o sentido de cada conceito, pertencente a qualquer ramo da ciência, deve poder ser indicado por meio de uma redução gradativa a outros conceitos, até aos conceitos de grau mínimo [...].

Nesse sentido, os participantes do Círculo de Viena defendiam que só dois tipos de sentenças são *verificáveis*: aquelas relacionadas às questões de fato e aquelas analíticas (logicamente verdadeiras). Para ilustrar, sentenças do tipo “Araranguá tem mais do que cinquenta mil habitantes” e “(p → p)” são sentenças verificáveis. A primeira por meio de uma pesquisa dos habitantes da cidade de Araranguá e a segunda é analiticamente verdadeira (‘p implica em p’ é uma tautologia na lógica clássica). Todas as outras sentenças que não podem ser categorizadas como *verificáveis* são destituídas de sentido. Note então que qualquer tentativa de fazer metafísica fracassará, pois as sentenças metafísicas não se encaixam em nenhuma das duas definições. O clássico exemplo de Carnap<sup>11</sup> que usa a

<sup>10</sup> NEURATH, Otto; CARNAP, Rudolf; HAHN, Hans. A concepção científica do mundo: o Círculo de Viena. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, v. 10, p. 12, 1986;

<sup>11</sup> CARNAP, Rudolf; SEGATTO, Antonio Ianni. Superação da metafísica pela análise lógica da linguagem. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, v. 21, n. 2, p. 95-115, 2016.

afirmação de Heidegger de que “O Nada nadifica” é uma *pseudoproposição* resume a intenção do Círculo de Viena: destituir a metafísica e toda a Filosofia que não está de acordo com o critério de *verificação*.

No entanto, vê-se que, com esse critério, são apagadas também a área da Ética e a Estética. Alfred Jules Ayer em seu livro *Language, Truth & Logic* deixa claro que não há espaço para a Ética como uma área do conhecimento. Para ele, fatos morais não existem e não podem ser verificados empiricamente. Assim, o estudo da Ética se tornaria um amontoado de enunciados sem sentido (desprovidos de significado). Hoje atribuímos a Wittgenstein uma forte influência no movimento do positivismo lógico. Entretanto, os integrantes do Círculo de Viena usaram indevidamente a filosofia de linguagem do *Tractatus* sem notar que, na verdade, o autor da obra busca salvar a Ética do cientificismo.

## 1.2 Wittgenstein e a especialidade da ética

Ludwig Wittgenstein foi um dos proponentes da chamada virada linguística do século XX que acarretou mudanças de paradigmas de investigações filosóficas. A sua obra, *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP), talvez seja uma das mais importantes da época. Há diversas interpretações sobre qual o principal objetivo de Wittgenstein com a publicação do TLP, mas uma delas - aquela que defende que o TLP tem um objetivo ético - certamente chamará maior atenção neste texto. Para sustentar a importância da Ética como domínio especial da vida e também recusar argumentos cientificistas *à moda de Wittgenstein*, quero retomar algumas das ideias apresentadas no *Tractatus*.

Em uma carta a Ludwig von Ficker, Wittgenstein<sup>12</sup> afirma que o TLP tem objetivo ético e que seu “trabalho consiste em duas partes: a primeira

---

<sup>12</sup> A PRELIMINARY VIEW OF THE TRACTATUS. Disponível em: <<http://people.loyno.edu/~felse/Wittpreliminary.html>>. Acesso em: 09 de março de 2021;

apresentada aqui e tudo aquilo que não escrevi. E é precisamente essa segunda parte que é a mais importante. Em meu livro, o ético é delimitado por dentro”. Para que se chegue ao resultado final, o autor define a filosofia como uma espécie de *atividade* cujo objetivo é esclarecer pensamentos e a linguagem. Nesse sentido, a Filosofia não busca retratar a realidade, mas sim delimitar o que pode ser dito (com sentido) ou não<sup>13</sup>. Além disso, o autor apresenta o que chamamos de teoria pictórica da linguagem. Grosso modo, a proposição figura um estado de coisas. Falar proposicionalmente sobre um estado de coisas no mundo é análogo a construir uma representação em maquete de um edifício que existe no mundo. Esse é exatamente o papel da linguagem: a proposição exhibe o fato assim como uma maquete de um edifício exhibe o edifício real. E o que podemos concluir dessa percepção da linguagem?

Antes de tudo, que a proposição pode ser verdadeira ou falsa. Se digo que “ao lado da minha xícara de café está o *Tractatus*”, então sabemos que essa proposição pode ser verdadeira ou falsa. No entanto, algumas “proposições” são sem sentido, por exemplo, as tautologias da lógica e as proposições da Ética. Tautologia e contradição não são imagens da realidade. Em TLP 4.462, afirma-se que “tautologia[s] [...] não são imagens da realidade. Não representam nenhuma situação possível. Porque [...] admite[m] qualquer situação” e por isso as tautologias não figuram o mundo (e, portanto, carecem de sentido). O que as tautologias fazem é *mostrar* a forma lógica da linguagem, mas não dizem nada.<sup>14</sup> Semelhantemente são as afirmações sobre a moralidade. Elas não *dizem*, mas *mostram*. Os positivistas lógicos se equivocaram ao pensar que Wittgenstein concordaria com o critério verificacionista. Na verdade, a saída do autor do *Tractatus*

---

<sup>13</sup> DALL'AGNOL, Darlei. A vida e obra de Ludwig Wittgenstein. Wittgenstein em retrospectiva. p. 16-17 Florianópolis: UFSC, 2012.

<sup>14</sup> DALL'AGNOL, Darlei. A vida e obra de Ludwig Wittgenstein. Wittgenstein em retrospectiva. p. 22 Florianópolis: UFSC, 2012;

é de traçar uma distinção entre as sentenças proposicionais (aquelas que podem expressar seu sentido) e aquelas que nada dizem, mas mostram.

A distinção entre *dizer* e *mostrar* é fundamental para que não se descarte nem a Ética, nem a Estética e nem a Teologia do domínio da vida humana. As sentenças “A caridade é boa” ou “Não mate” nada dizem sobre o mundo e sequer retratam um estado de coisas no mundo. O exemplo apresentado na *Conferência sobre Ética*<sup>15</sup> explica bem essa questão:

[imagine] uma pessoa onisciente e que, por conseguinte, conhecesse todos os movimentos de todos os corpos animados ou inanimados do mundo e conhecesse também os estados mentais de todos os seres que tenham vivido. Suponham, além disso, que esta pessoa escreveu tudo o que sabe num grande livro. Então tal livro conteria a descrição total do mundo. O que quero dizer é que este livro não incluiria nada do que pudéssemos chamar juízo ético nem nada que pudesse implicar logicamente tal juízo.

Wittgenstein ainda complementa ao afirmar que se lermos a descrição de um assassinato nesse livro, não haverá sequer uma sentença ética sobre o acontecimento e ele “estará exatamente no mesmo nível que qualquer outro acontecimento como a queda de uma pedra”. Para o autor, a Ética, “se ela é algo, é sobrenatural e nossas palavras somente expressam fatos, do mesmo modo que uma taça de chá somente pode conter um volume determinado de água, por mais que se despeje um litro nela”. No início da *Conferência sobre Ética*, ele ainda se refere à Ética como:

a investigação sobre o significado da vida, ou daquilo que faz com que a vida mereça ser vivida, ou sobre a maneira correta de viver.

---

<sup>15</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. Conferência sobre Ética. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Artigos/conferencia\\_etica.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/conferencia_etica.pdf)>. Tradução de Darlei Dall'agnol. Acesso em: 09 de março de 2021.

Ao não *dizer* algo sobre o mundo e nem retratar a realidade, as sentenças éticas mostram o que devemos fazer, mostram o que faz com que a vida mereça ser vivida e mostram sobre a maneira correta de viver. Ela é indizível e inexprimível (TLP 6.522), mas faz parte do discurso humano e certamente não deve ser “apagada” como pensavam os positivistas lógicos e nem subjugada como inferior às ciências.

Nesta seção, apresentamos uma perspectiva tecnicista que inferioriza a filosofia e ciências humanas em relação às ciências naturais e da saúde nos dias de hoje e também um paralelo histórico do século XX envolvendo o Círculo de Viena. Independente se Ludwig Wittgenstein estava correto sobre a teoria da proposição como figuração da realidade ou não ou sobre a especialidade da Ética como um domínio próprio do discurso humano (não redutível às ciências), espero que esta seção sirva de incentivo para o leitor refletir criticamente sobre as posições tecnicistas apresentadas no início deste trabalho. Caso não seja convincente o suficiente, na seção seguinte serão apresentados diversos trabalhos filosóficos (mais especificamente da área de Bioética e COVID-19) de extrema importância para o cenário que vivemos hoje.

## **2. Juntas contra o tecnicismo: a ciência de mãos dadas com a filosofia**

Desde a declaração do cenário pandêmico pela OMS em março de 2020, os esforços de cientistas para conter a pandemia são imensuráveis, seja com a produção de vacinas, medicamentos ou outros métodos não-farmacológicos. Nesse contexto, a ciência se mostra cada vez mais atual e essencial na vida humana. Um ano depois, já dispomos de vacinas seguras e eficazes contra a COVID-19. Cerca de 300 milhões de pessoas<sup>16</sup> foram vacinadas enquanto este artigo está sendo escrito. Enquanto isso, muitas

---

<sup>16</sup> Dados disponíveis no seguinte site: <<https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>>.

outras pesquisas vêm sendo desenvolvidas e novas vacinas também são estudadas pelos cientistas.

Por outro lado, vemos que as ciências humanas e a filosofia parecem estar apagadas nesse mesmo contexto. Outras atividades como a de matemáticos se apresentam rapidamente como úteis a partir da criação de simulações, estudos de modelos e cálculos para previsão de novas infecções.<sup>17</sup> Na verdade, na primeira seção deste trabalho vimos que a mídia e figuras públicas costumam ter uma noção equivocada do que é *fazer filosofia* na nossa sociedade. Entretanto, ao mesmo tempo, diversos debates filosóficos que são considerados importantes nos dias de hoje emergem no senso comum: “temos recursos médicos finitos, então quem deve ser salvo e por quê?”, “quais são as responsabilidades das instituições de saúde para com os profissionais da área?”, “quais as responsabilidades dos profissionais da saúde para com suas famílias?” “qual critério deveríamos utilizar na hora de distribuir auxílio financeiro para a população?” e “como devemos testar novos tratamentos contra a COVID-19?”. Como podem essas perguntas serem importantes, filosóficas e mesmo assim não serem creditadas a pesquisadores da Bioética (área interdisciplinar que envolve também a filosofia da moral)? Há diversas outras questões filosóficas que (re)surgiram durante a pandemia da COVID-19 e muito pouco se fala sobre na mídia. Há claramente uma inconsistência nisso: uma maioria de pessoas crê que não há utilidade na filosofia, mas discute assuntos filosóficos durante o cotidiano ou consome conteúdos filosóficos “úteis” sem mesmo saber disso. Por isso, nesta seção vou apresentar algumas das perguntas filosóficas que têm implicações práticas relevantes e são estudadas nos dias de hoje por bioeticistas brasileiros.

---

<sup>17</sup> O International Congress on Industrial and Applied Mathematics (ICIAM) é um congresso de matemática aplicada quadrienal que reúne matemáticos do mundo todo. Confira mais informações sobre os trabalhos de matemáticos da ICIAM em <<https://iciam.org/mathe-matics-covid-19>>.

Veja esta primeira pergunta: “temos recursos médicos finitos, então quem deve ser salvo e por quê?”. Este é um tema relevante e filosófico. Uma questão (bio)ética. O colapso da saúde pública que acontece hoje em março de 2021 é reflexo de políticas públicas equivocadas que ocasionaram a falta de leitos de UTI e faltam recursos em hospitais. Hoje, profissionais da saúde devem escolher quais pacientes irão tratar<sup>18</sup>. Essa é uma escolha delicada que decide quem irá morrer e quem irá viver. Então quais critérios deve-se utilizar? Evidentemente, a discussão não é unicamente filosófica (muito embora haja uma discussão mais abstrata sobre esse problema), mas ela deve ser trabalhada em conjunto filosoficamente e cientificamente. É o que faz o Grupo de Trabalho Dilemas COVID-19 composto por Marco Azevedo, Darlei Dall'Agnol e Alcino Bonella, bioeticistas reconhecidos no país no trabalho intitulado *Proposta de diretrizes éticas para alocação de tratamento em UTI durante a pandemia COVID-19*<sup>19</sup>. No trabalho, os autores cuidadosamente aliam técnicas *científicas* de escore clínico (SOFA) com princípios *filosóficos* e *éticos* para decidir como será feita a alocação do tratamento daqueles pacientes que precisam de UTIs.

O mesmo grupo ainda trabalhou com outro problema da pandemia da COVID-19: “como devemos testar novos tratamentos contra a COVID-19?”. Em particular, tratou do problema do uso da cloroquina *off label* em pacientes no artigo intitulado *Bioética em tempos de pandemia: Testes clínicos com Cloroquina para tratamento de COVID-19*<sup>20</sup>. Novamente, os autores conseguem conectar resultados científicos com princípios bioéticos clássicos e analisar se seria moralmente correto fazer uso de um

---

<sup>18</sup> Médicos já se preparam para escolher quais pacientes tratar. R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/saude/medicos-ja-se-preparam-para-escolher-quais-pacientes-tratar-04032021>>

<sup>19</sup> AZEVEDO, Marco et al. Proposta de diretrizes éticas para alocação de tratamento em UTI durante a pandemia COVID-19. Disponível em: <<http://doi.org/10.13140/RG.2.2.36535.55202>>. Acesso em: 09/03/2021

<sup>20</sup> BONELLA, Alcino Eduardo; DE ARAUJO, Marcelo; DALL'AGNOL, Darlei. Bioética em tempos de pandemia: Testes clínicos com Cloroquina para tratamento de COVID-19. Veritas (Porto Alegre), v. 65, n. 2, p. 2020.

fármaco cuja eficiência contra COVID-19 não é conclusiva e potencialmente causa danos aos seus usuários.

O doutor Fernando Maurício da Silva trabalha um problema semelhante em seu artigo chamado *Triagem médica em pandemia: uma análise das normas éticas e técnicas*<sup>21</sup> onde analisa extensamente como deve ser feita a triagem médica na pandemia, discutindo modelos éticos e propondo um ele próprio.

Note que esses são apenas alguns dos mais variados trabalhos de bioética e filosofia na pandemia. Todas as perguntas apresentadas anteriormente, além das que foram detalhadas aqui, têm uma motivação ética (e portanto, filosófica). Note que essas pesquisas aliam resultados científicos com modelos normativos. Ainda mais: à *moda de Wittgenstein*, a ciência nada nos *diz* sobre a resposta desses problemas morais. Por isso a filosofia é tão importante, especialmente no momento pandêmico que vivemos.

### 3. Conclusão

Enfim, espera-se que o leitor tenha sido convencido de que (1) a filosofia não é inferior às ciências e não deve ser descartada como queriam os positivistas lógicos (na verdade, ela estuda áreas do conhecimento que a ciência não é capaz de alcançar) e (2) as pesquisas filosóficas precisam também de resultados científicos e vice-versa, isto é, a ciência trabalha em conjunto com a filosofia. Por fim, conclui-se que uma visão de mundo tecnicista contemporânea quanto à perspectiva científicista do século XX é insustentável. Em suma, apenas destacamos neste artigo o que aparece na seguinte proposição presente no *Tractatus*:

---

<sup>21</sup> SILVA, Fernando Maurício da. Triagem médica em pandemia: uma análise das normas éticas e técnicas. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/fundamento/article/view/4667/3675>>. Acesso em: 09/03/2021

Sentimos que, mesmo que todas as *questões científicas possíveis tenham obtido resposta*, nossos *problemas de vida não terão sido sequer tocados*. (TLP 6,52)

## Referências

- 1 RUSSELL, Bertrand. Logical positivism. *Revue internationale de philosophie*, p. 3, 1950.
- 2 NEURATH, Otto; CARNAP, Rudolf; HAHN, Hans. A concepção científica do mundo: o Círculo de Viena. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, v. 10, p. 12, 1986.
- 3 CARNAP, Rudolf; SEGATTO, Antonio Ianni. Superação da metafísica pela análise lógica da linguagem. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, v. 21, n. 2, p. 95-115, 2016.
- 4 A PRELIMINARY VIEW OF THE TRACTATUS. Disponível em: <<http://people.loyno.edu/~folve/Wittpreliminary.html>>. Acesso em: 09 de março de 2021.
- 5 DALL'AGNOL, Darlei. A vida e obra de Ludwig Wittgenstein. *Wittgenstein em retrospectiva*. p. 16-17 Florianópolis: UFSC, 2012.
- 6 WITTGENSTEIN, Ludwig. Conferência sobre Ética. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FIL\\_OSOFFIA/Artigos/conferencia\\_etica.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FIL_OSOFFIA/Artigos/conferencia_etica.pdf)>. Tradução de Darlei Dall'agnol. Acesso em: 09 de março de 2021.
- 7 AZEVEDO, Marco et al. Proposta de diretrizes éticas para alocação de tratamento em UTI durante a pandemia COVID-19. Disponível em: <<http://doi.org/10.13140/RG.2.2.36535.55202>>. Acesso em: 09/03/2021
- 8 BONELLA, Alcino Eduardo; DE ARAUJO, Marcelo; DALL'AGNOL, Darlei. Bioética em tempos de pandemia: Testes clínicos com Cloroquina para tratamento de COVID-19. *Veritas (Porto Alegre)*, v. 65, n. 2, p. 2020.
- 9 SILVA, Fernando Maurício da. Triagem médica em pandemia: uma análise das normas éticas e técnicas. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/fundamento/article/view/4667/3675>>. Acesso em: 09/03/2021

- 10 BILETZKI, Anat. "Ludwig Wittgenstein". Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/wittgenstein/>>. Acesso em: 09/03/2021.
- 11 CREATH, Richard. "Logical Empiricism". Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/logical-empiricism/>>. Acesso em: 09/03/2021.
- 12 WITTGENSTEIN, Ludwig. Tratado lógico-filosófico: investigações filosóficas. Tratado lógico-filosófico: investigações filosóficas, n. 2<sup>a</sup> ed., p. 1-221, 1995.

## **A crise atual seria uma manifestação da *falha metabólica* na interação ser humano-natureza?**

*Gabriel A. Galdino*<sup>1</sup>

Para que a propagação acelerada da COVID-19 e a sua letalidade<sup>2</sup> sejam devidamente compreendidas, precisamos ir muito além das considerações médicas. O aprimoramento dos meios de transporte; o “estreitamento” das relações econômicas, políticas e culturais entre os países (naquilo que chamamos de processo de globalização); as políticas de Estado que atendem de modo desequilibrado aos diferentes setores da sociedade<sup>3</sup>; a iatrogênese<sup>4</sup>; a predação de animais silvestres; e o descompromisso com o bem público: todos esses fatores devem ser considerados para começarmos a perceber a complexa malha sobre a qual se assenta a pandemia do COVID-19.

Nesse contexto, uma das chaves de leitura para compreender alguns feixes dessa malha pode ser expressa através do conceito de “falha metabólica”. Esse conceito tem por base a seguinte ideia: junto com o desenvolvimento do sistema capitalista de produção, surgiu uma fenda na interação entre a humanidade e a natureza, no sentido de que começamos

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [g.a.galdino@gmail.com](mailto:g.a.galdino@gmail.com).

<sup>2</sup> Um milhão de mortes em decorrência do novo coronavírus, em menos de um ano de monitoramento - dados em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em 12 de outubro de 2020;

<sup>3</sup> Em geral, as políticas públicas (principalmente no Brasil, mas não só, podemos citar os EUA também) têm assistido os bancos e os setores industriais, e com a mesma intensidade, têm esquecido das reais necessidades (saúde, educação, arte e trabalho) da parcela mais pobre da população, que justamente, como mostram as pesquisas em anexo, é mais vulnerável ao coronavírus (ver anexo I);

<sup>4</sup> **Iatrogênese** é a ideia de que a medicina tradicional – fármacos, procedimentos cirúrgicos, entre outros – é responsável por criar e propagar novas patologias, sendo uma dentre os responsáveis pelo adoecimento em larga escala na sociedade ocidental;

a extrair grandes quantidades de recursos naturais de um local do globo e transferir para outro, sem que houvesse uma compensação em tal deslocamento, e conforme esse sistema de produção foi se desenvolvendo, tal fenda foi ficando cada vez maior, gerando assim um desequilíbrio na biosfera – o metabolismo no qual fazemos parte<sup>5</sup>. Segundo essa teoria, todo esse processo culminou naquilo que chamamos Antropoceno<sup>6</sup>: a era geológica gerada pelas mudanças causadas pelos seres humanos em todo o planeta Terra. Nessa concepção, o desequilíbrio existente passou a ser considerado irreversível a curto e a médio prazo.

O conceito de “falha metabólica”<sup>7</sup> foi sistematizado por John Bellamy Foster, mas já havia sido introduzido por Karl Marx<sup>8</sup> ao final do livro 3 de *O Capital: o processo global da produção capitalista* – o qual nos possibilita interpretar a separação entre o ser humano e a natureza como um processo de alienação da humanidade, e que, segundo Foster<sup>9</sup>, pode ser analisado por três vieses que se imiscuem, a saber: 1) a alienação da natureza, 2) a alienação da produção e 3) a alienação de si. Devido ao pouco espaço, os pontos 2 e 3 serão abordados no anexo I.

---

<sup>5</sup> FOSTER, J. B, *A Ecologia de Marx- Materialismo e natureza*. Trad. Maria Tereza Machado– Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Cap. 5- O metabolismo entre natureza e sociedade, p. 199-246;

<sup>6</sup> **Antropoceno** é uma palavra constituída a partir da língua grega, o prefixo “antropo” significa humano; e o sufixo “ceno” se relaciona com a ideia de eras geológicas. Outra tradução possível: Época dos Humanos.

<sup>7</sup> FOSTER, J. B, (Ibidem), p. 217-235;

<sup>8</sup> Cito Marx: “A pequena propriedade do solo pressupõe que parcela imensamente maior da população seja rural e que não o trabalho social, mas o trabalho isolado seja o predominante; que, por isso, sob tais circunstâncias, estejam excluídos a riqueza e o desenvolvimento da reprodução, em condições tanto materiais quanto espirituais, assim como as condições de um cultivo racional. Por outro lado, a grande propriedade do solo reduz a população agrícola a um mínimo em diminuição constante e opõe-lhe uma população industrial cada vez maior, aglomerada em grandes cidades, **gerando assim as condições para uma ruptura irremediável no metabolismo social, prescrito pelas leis naturais da vida**; dessa ruptura decorre o desperdício da força da terra, o qual, em virtude do comércio, é levado muito além das fronteiras do próprio país.” (destaque em negrito nosso)- Extraído de: Karl Marx. **“O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista”**, tradução: Rubens Enderle- São Paulo: Boitempo, 2017, p. 1801;

<sup>9</sup> FOSTER, J. B, (Ibidem), p. 223;

## 1. A alienação da natureza

Do século XIII ao século XIX, tendo como marco os processos históricos ocorridos na Grã-Bretanha, dos *enclosures* ao advento da Segunda Revolução Industrial, podemos notar uma aceleração desmedida do crescimento populacional daquele império<sup>10</sup>. Isso evidenciou a necessidade de aumentar a produção de alimentos, e com esta veio o processo de exaustão do solo, na qual se fundaram os trabalhos de Justus von Liebig<sup>11</sup> sobre fertilização artificial do solo. Nas palavras de John Bellamy Foster<sup>12</sup>:

[...] eu descobri que foi a investigação sistemática da obra do grande químico agrícola alemão Justus von Liebig, partindo da sua crítica do malthusianismo, que levou Marx ao seu conceito central da Falha Metabólica na relação ser humano com a natureza- sua análise madura da alienação da natureza (FOSTER, 2005, p. 10).

Dada a situação na qual se encontravam os países da Grã-Bretanha, bem como os estudos sobre a possibilidade de fertilização do solo, deflagrou-se a busca e a extração dos adubos naturais pelo mundo. Dentre os adubos mais procurados, destacou-se o guano<sup>13</sup> que foi encontrado na costa da América do Sul voltada ao pacífico, principalmente no Peru.

Na leitura de Foster<sup>14</sup>, a extração e o transporte do guano da América do Sul para a Europa teria sido um marco na relação de alienação do ser

---

<sup>10</sup> Vide o estudo de Thomas Malthus, “*Essay on the principle of population (1826)*”, no qual ele elabora uma das teorias que explicam as razões para o crescimento geométrico da população em detrimento do crescimento aritmético da produção de alimentos;

<sup>11</sup> Liebig foi um cientista e professor de química responsável pela criação de fertilizantes químicos, sabão, explosivos e alimentos desidratados, além de inúmeras fórmulas e processos para a química orgânica;

<sup>12</sup> FOSTER, J. B, A Ecologia de Marx- Materialismo e natureza. Trad. Maria Tereza Machado- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>13</sup> Guano é um fertilizante natural composto por fezes de pássaros e morcegos, é muito utilizado devido aos altos teores de nitrogênio em sua composição;

<sup>14</sup> FOSTER, J. B, (Ibidem), p. 212-220;

humano como o meio que o rodeia, pois ao abrir uma *fenda*<sup>15</sup> [riß]<sup>16</sup> na superfície da Terra para sucção desses recursos naturais, o ser humano passou a viver e a naturalizar um desequilíbrio sem precedentes na superfície do planeta. Esse desequilíbrio (extração de minérios em geral, poluição em larga escala, extinção de diversas espécies de plantas e animais, etc.) é amparado pelo discurso de superioridade da humanidade frente a natureza<sup>17</sup>, obliterando a ideia de que somos parte constitutiva da mesma.

Desde o começo do livro I: *O capital: Crítica da Economia Política*<sup>18</sup>, o conceito de metabolismo [Stoffwechsel], que busca ligar o ser humano à natureza, já estava colocado<sup>19</sup>. E ao olharmos para hoje, parece-nos evidente que as mudanças climáticas potencializadas pelas transformações quase irreversíveis geradas pelo comportamento humano (naquilo que já chamamos de uma nova era- Antropoceno) contribui para o agravamento dessa crise que vem sendo gestada, no mínimo desde o século XIII.

Em resumo<sup>20</sup>:

Para Marx, existe uma interação metabólica entre o homem e a natureza que será rompida pelo capitalismo. A propriedade privada, instaurando a divisão do trabalho, separa o camponês da terra, de uma relação íntima e tradicional com o solo, provocando uma "falha metabólica" incontornável no modo de produção capitalista. Por conseguinte, a relação predatória com a natureza,

---

<sup>15</sup> 'rift' [fenda] corresponderia na língua inglesa ao termo originalmente usado por Marx, mas que na língua portuguesa foi traduzido por 'falha';

<sup>16</sup> MARX, K., *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie, Dritter Band*- Buch III: Der Gesamtprozeß der kapitalistischen Produktion, Herausgegeben von Friedrich Engels, Hamburg 1894, p. 821;

<sup>17</sup> FOSTER, J. B. (Ibid), sobre o desenvolvimento da teologia natural na modernidade. P .44;

<sup>18</sup> [Stoffwechsel] aparece 14 vezes em *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie, Erster Band*- Buch I: Der Produktionstprozeß des kapital, Hamburg 1890- a primeira ocorrência se dá na p. 57;

<sup>19</sup> Marx, K. *O capital, livro I: crítica da economia política- O processo de produção do capital*, trad. Rubens Enderle- São Paulo: Boitempo, 2017, p. 224;

<sup>20</sup> RIBEIRO, Guilherme de Sá - *Resenha de A ecologia de Marx: materialismo e natureza*, de John Bellamy Foster- disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2011000100014](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2011000100014). Acesso em 07 de outubro de 2020.

[passa a ser] vista tão somente enquanto repositório de lucros em potencial. Portanto, no capitalismo, o homem se aliena da natureza (RIBEIRO, 2011, p. 2).

A partir do que foi exposto, a COVID-19 figura-se como uma das manifestações de uma ampla falha metabólica que nós mesmos causamos à natureza. Porém, a pergunta que ainda fica no ar é: como corrigir essa falha? Como superar essa crise? É evidente que uma resposta para essas questões exige anos de empenho de toda a humanidade, mas pode-se considerar que, além do fim do modo de produção capitalista, teremos que investir em práticas sustentáveis, as quais abarcam desde o investimento em educação de qualidade à agroecologia a nível global, como possibilidade de remediar essa longa crise.

## Referências

- 1 FOSTER, J. B, **A Ecologia de Marx- Materialismo e natureza**. Trad. Maria Tereza Machado- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Cap. 5- O metabolismo entre natureza e sociedade, p. 199-246;
- 2 MARX, K. **Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie, Dritter Band-** Buch III: Der Gesamtprozeß der kapitalistischen Produktion, Herausgegeben von Friedrich Engels, Hamburg 1894, p. **821**
- 3 MARX, K. **O capital, livro I: crítica da economia política- O processo de produção do capital, trad. Rubens Enderle-** São Paulo: Boitempo, 2017, p. 224;
- 4 MARX, K. **O capital, livro III: crítica da economia política- O processo global da produção capitalista**, tradução: Rubens Enderle- São Paulo: Boitempo, 2017, p. 1801
- 5 RIBEIRO, Guilherme de Sá - **Resenha de A ecologia de Marx: materialismo e natureza, de John Bellamy Foster**. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2011000100014](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2011000100014). Acesso em: 07 de outubro de 2020.

## As possíveis relações entre o modo de existência ocidental e a contingência

Victoria Hautz<sup>1</sup>

As sociedades humanas estão voltadas para um único problema atualmente: a pandemia do vírus covid-19. Foram poucas as vezes que houve eventos desse porte, eventos que reuniram, de uma forma positiva ou negativa, o mundo. Hoje, o que possibilita um diálogo global entre países, independentemente de sua estrutura social e econômica, é a contingência. Uso o termo *contingência* para elucidar o modo de funcionamento das coisas, isto é, o modo de como os fenômenos se apresentam para nós, como, apesar de serem inesperados, são eles que moldam, em algum nível, as decisões políticas e culturais de um povo. A noção de Fortuna<sup>2</sup> maquiavélica, por exemplo, representa exatamente isso, um real caótico que tem, como único fundamento, a contingência. Desse modo, as estruturas sociais, com suas instituições e práticas, procuram, mesmo que inconscientemente, estabelecer bases seguras que lhes proporcionarão instrumentos para ordenar aquilo que, como mencionei acima, se configura como um real contingente. Nesse sentido, a pandemia reflete a imprevisibilidade dos acontecimentos no mundo. Ela proporcionou uma reestruturação tanto no modo de percepção das relações sociais quanto nas decisões políticas e econômicas. O que desejo

---

<sup>1</sup> Graduada em Bacharelado em Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [victoriahautz@gmail.com](mailto:victoriahautz@gmail.com).

<sup>2</sup> MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. Trad. Lívio Xavier. 2.ed. São Paulo;Abril Cultural, 1979.(Os pensadores). Para Maquiavel, o termo Fortuna é definido como sendo a razão estruturante da realidade política. Configura-se a partir da relação contingencial das coisas no mundo.

ressaltar, assim, é o poder elucidativo e contingencial de um fenômeno. Elucidativo, insisto, pois, se não fosse esse evento, não haveria a possibilidade da racionalização que está sendo feita, tanto por parte dos cidadãos quanto por parte das instituições humanas sobre a atual situação estrutural do mundo, isto é, sobre como as relações humanas e não humanas estão se dando.

O evento do vírus desencadeou, mundo afora, uma espécie de alerta para as sociedades, principalmente para a sociedade ocidental. A partir de um único fenômeno, que afetou diretamente os sujeitos em suas interioridades e as instituições, foram postas em evidência questões que até então eram negligenciadas, como a insustentabilidade do sistema capitalista e suas implicações no mundo e na esfera psíquica dos indivíduos. A ilusão capitalista de lucro ilimitado impulsionou um modo de existência, tanto de sujeitos quanto de práticas, que enterrou as outras tantas possibilidades de viver, isto é, a maneira capitalista de existir extinguiu a pluralidade de ontologias. O mundo, em sua inteireza, caminha para uma unicidade ocidentalizante. Essa maneira de existir ocidental propiciou, ao longo da história, uma percepção antropocêntrica do mundo. A filosofia moderna, por exemplo, é dotada de uma separação radical entre homem e natureza. O sujeito moderno, “senhor e possuidor da natureza”<sup>3</sup>, como disse Descartes, gera e responde o motivo dessa noção antropocêntrica. A partir da modernidade, portanto, vemos um sujeito que cria uma separação ontológica que culminará, entre muitas outras coisas, no modo capitalista de existência. Para pensarmos sobre esse modo ocidentalizante de existência, podemos levar em consideração os seus atributos mais característicos, a saber: a eliminação da diferença e a percepção econômica e utilitarista da vida. Tendo em vista que o sistema procura e estabelece um certo tipo de

---

<sup>3</sup> DESCARTES, R. *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

uniformização do mundo, tudo aquilo que se mostra minimamente diferente é passível de sofrer alterações ou, até mesmo, vir a ser extinto. Devemos, dentro dessa perspectiva, pensar em termos antropológicos.

As sociedades humanas configuram-se por meio de seus construtos sociais distintos, elas diferem em aspectos linguísticos, em crenças, em percepções diferentes de espaço e tempo e, principalmente, naquilo que parece mais significativo dentro do contexto da pandemia, a relação entre homem e natureza. O Ocidente, como já foi mencionado, se relaciona hierarquicamente com o meio. O homem ocidental não se vê como parte da natureza e, nesse sentido, se utiliza dela, pois não se percebe como parte constitutiva deste mesmo meio. Entretanto, em muitas sociedades, a relação entre sujeito e ambiente se configura de forma direta. Não existe uma diferença ontológica entre homem e natureza. Por isso, o modo de existência de determinados povos implica, conseqüentemente, uma relação harmônica com o meio, já que eles se veem como parte constituinte deste mesmo meio. Logo, a maneira de existir e de se relacionar com o mundo se diferencia de acordo com a percepção cultural que uma sociedade tem dela mesma e do mundo que a cerca.

As diferenças culturais, perante o olhar ocidental capitalista que visa sua expansão, são consideradas obstáculos para a visão progressista de mundo. Assim, o primeiro aspecto característico da ocidentalização compreende que as práticas e crenças culturais devam sofrer a influência do eticismo ocidental, que busca uma homogeneidade comportamental. Os diferentes modos humanos de lidar com o caráter contingencial do real estão sendo influenciados, direta ou indiretamente, pela padronização capitalista que envolve uma certa maneira de pensar e existir. O meu ponto aqui é evidenciar a relação colonialista e destruidora que o ocidente, ao longo da história, exerceu sobre as práticas humanas num nível material, mas também num nível espiritual. A eliminação da diferença consiste,

pois, na tentativa de exercer um maior domínio sobre as chances de maximização do lucro econômico por parte da racionalização capitalista, que visa, em última instância, como bem lembra Vandana Shiva, “um crescimento ilimitado”<sup>4</sup>. Essa concepção ocidentalizante de mundo, portanto, deu fundamentos para o que está acontecendo agora. A pandemia retrata a herança moderna de sujeito que vive e se utiliza do meio de maneira desenfreada e inconsequente. Esse colapso sanitário representa, intrinsecamente, a conduta ocidental ao longo do tempo. Ao meu ver, um evento desse tipo, a pandemia de um vírus, iria, cedo ou tarde, acontecer. Nesse sentido, o meu argumento baseia-se na relação entre como uma sociedade se percebe e como ela percebe aquilo que a cerca. O uso desenfreado do meio praticado pelo ocidente enraizou práticas tanto éticas quanto econômicas que deram base para a construção de uma civilização que caminha em direção à autodestruição, devido à sua maneira violenta de existir e de lidar com aquilo que a rodeia.

O segundo aspecto característico da ocidentalização baseia-se em princípios econômicos e utilitaristas. O primeiro aspecto, como já foi mencionado, visa a eliminação do diferente. O segundo, por sua vez, tem como base a percepção econômica e utilitarista da vida. Esse aspecto justifica o primeiro. Se o lucro é visado por meio de uma concepção de utilidade e prazer, deve-se pensar em padronizar os conceitos de utilidade e de prazer, ou seja, se faz necessário pensar numa sociedade na qual todos os sujeitos se relacionam e se percebem através dos mesmos moldes. Padronizado o gosto e a noção daquilo que é útil, o sistema, para maximizar o lucro, condena aquilo que está fora do escopo criado por ele mesmo e, dessa forma, tende a colonizar o diferente. Vemos, assim, que os dois atributos essenciais da ocidentalização caminham conjuntamente. A

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Mae-Terra/Vandana-Shiva-sobre-o-coronavirus-Dos-bosques-as-nossas-granjas-ao-nosso-microbioma-intestinal/3/47552>>. Acesso em 04/10/2020.

funcionalidade e a “igualação do não-igual”<sup>5</sup>, como diz Nietzsche, configuraram a agenda progressista do capitalismo contemporâneo ocidental. Tudo isso, ao meu ver, engendra uma ontologia que não poderia ser senão uma sociedade colonizadora de modos de vida e autodestrutiva.

Dito isso, pensar em maneiras de “sair da pandemia” não me parece frutífero. Tendo em vista que a minha análise desemboca numa autodestruição, nos resta apenas aguardar. A pandemia deu a possibilidade para as pessoas e as instituições experienciarem o mundo e o sistema através duma lógica que até então não haviam podido experienciar. O ocidente “parou”, mas busca incansavelmente por uma solução que visa reestruturar o sistema que foi, finalmente, devido à pandemia, enxergado como um sistema doentio e destruidor. Contudo, as alternativas que estão sendo propostas ainda sim visam uma ontologia colonizadora, mas dentro dos moldes ditos “sustentáveis”. Deste modo, apesar do empenho ocidental de reinventar seu próprio modo de existência, a raiz do sistema, aquilo que possibilita o crescimento e a continuidade de algo, está fincada numa lógica que é em si insustentável e, por isso, a tentativa de inaugurar um novo modo de agir no mundo não se mostra em consonância com aquilo que a gerou, pois ainda será a mesma raiz. Em outras palavras, como podemos pensar num sistema capitalista, que tem como princípio a igualdade e uma economia baseada nas práticas sustentáveis de produção, se a própria ideia de capitalismo é fundada numa lógica de desigualdade e máximo lucro? São noções que se contradizem. O mundo capitalista é autodestrutivo por natureza, segundo Marx, como lembra John Gray<sup>6</sup>, e, ao meu ver, não importam as mudanças estruturais que o sistema sofra, ele ainda estará fadado a uma maneira de existir que tende a dissolver-se. Não creio,

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira*. Tradução e organização de Fernando de Moraes Barro. São Paulo: Hedra, 2008. Neste livro Nietzsche fala sobre a linguagem e a noção de conceito. Contudo, considerei pertinente utilizar sua terminologia num sentido não linguístico.

<sup>6</sup> [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110918\\_marx\\_capitalismo\\_jf](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110918_marx_capitalismo_jf). Acesso em 04/10/2020.

entretanto, na ascensão de um outro sistema social que possa reestruturar a sociedade ocidental. Autores como Mark Fisher tentam resgatar, filosoficamente, a imagem de um futuro que não seja dentro dos moldes do capital.<sup>7</sup> Outros, contudo, como Nick Land, apresentam prognósticos nos quais o humano ele mesmo não terá lugar, já que o sistema tende a aperfeiçoar-se *autonomamente* e não autodestruir-se como pensava Marx<sup>8</sup>.

Nesse sentido, limito-me a crer que o capitalismo se moldará de acordo com as demandas da contingência e, por esse mesmo motivo, reinará, ainda por um tempo, até o acontecimento de algum evento que impossibilite sua regeneração. Em vista disso, proponho a pergunta: Será que as condições de possibilidade de tal evento virão a existir?

## Referências

- 1 GRAY, John. **Marx estava certo... sobre o capitalismo.** Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110918\\_marx\\_capitalismo\\_jf](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/09/110918_marx_capitalismo_jf). Acesso em: 04 de outubro de 2020.
- 2 SHIVA, Vandana. **Vandana Shiva sobre o coronavírus: Dos bosques às nossas granjas, ao nosso microbioma intestinal.** Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Mae-Terra/Vandana-Shiva-sobre-o-coronavirus-Dos-bosques-as-nossas-granjas-ao-nosso-microbioma-intestinal/3/47552>. Acesso em 04 de outubro de 2020.
- 3 DESCARTES, R. **Discurso do Método.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- 4 MAQUIAVEL, N. **O príncipe.** Trad. Lívio Xavier. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).
- 5 NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira.** / Tradução e organização de Fernando de Moraes Barro. - São Paulo: Hedra, 2008.

---

<sup>7</sup> Ver *Realismo Capitalista* de Mark Fisher.

<sup>8</sup> Ver *A quick and dirty introduction to accelerationism* de Nick Land.

## **Colonialismo, exploração animal e capitalismo, um ponto de equilíbrio para o caos? Reflexões acerca da pandemia de COVID-19**

*Daniel Lunelli*<sup>1</sup>

Falar sobre a COVID-19 não é discorrer a respeito de um vírus, mas sobre como a sociedade se organiza e se posiciona enquanto humanidade. Minha proposta de explicação da atual crise, agravada pela pandemia, é dividida em três partes: 1) primeiramente apresento o pensamento ocidental capitalista enquanto centralidade das interações globalizadas; 2) num segundo momento, relaciono o contexto de surgimento dos principais patógenos das últimas décadas com o aumento do desmatamento e a exploração animal pelo capitalismo; 3) por último, analiso a forma desproporcional em que a covid-19 afetou a sociedade brasileira, com explicações para tal acontecimento.

O pensamento ocidental ao qual me refiro não consiste em toda a produção de pensamento do ocidente geográfico propriamente dito, mas sim ao pensamento cosmológico universalista, androcêntrico e totalizante, imposto através da colonização e dominação geopolítica. Suas características mais marcantes surgem com o fenômeno da modernidade europeia. Enrique Dussel mapeia muito bem a história dessas características: “1492 é a data de seu nascimento, da origem da experiência do ego europeu de constituir os outros sujeitos e povos como objetos,

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [daniellunelli7@gmail.com](mailto:daniellunelli7@gmail.com).

instrumentos que podem ser usados e controlados para seus próprios fins europeizados, civilizatórios e modernizadores”.<sup>2</sup>

Com o advento da colonização, o ego-europeu se espria pelos continentes, principalmente na América e na África, e constitui novas sociedades colonizadas por sua cosmovisão. É com a colonização que se difunde também pelos continentes o mercantilismo, germen inicial do capitalismo, posteriormente sustentado nos países colonizados pelas potências capitalistas por meio da influência geopolítica e poder militar. Exemplo disso é a eterna dependência econômica e tecnológica do Brasil Império em relação às potências europeias e o apoio incondicional dos Estados Unidos no golpe militar de 1964.

Temos assim uma cosmologia que se propaga através da dominação e que define um pano de fundo político de nossas relações. A separação entre ser humano e natureza, que já era marcante no pensamento ocidental pré-capitalista, se acentua ainda mais com o capitalismo moderno, que considera a natureza como matéria prima, ou seja, como produto base para a sustentação de um modo de vida fundado no consumo. Um exemplo disso é o crescente aumento do desmatamento na Amazônia após o presidente Jair Bolsonaro, declaradamente neoliberal, assumir o cargo. Em seu primeiro ano de mandato, as áreas desmatadas aumentaram em 50% em relação ao ano anterior.<sup>3</sup>

O desmatamento está diretamente ligado com o plantio de monoculturas e a pecuária extensiva, ambas ligadas ao surgimento de novas doenças.<sup>4</sup> Pesquisadores da Ecohealth Alliance em estudo descobriram que

---

<sup>2</sup> DUSSEL, Enrique. 1492: O encobrimento do outro. Vozes, 1992. P. 113.

<sup>3</sup> ESCOBAR, Herton. Dorado, Moisés. Desmatamento da Amazônia dispara de novo em 2020. Jornal da USP, 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/desmatamento-da-amazonia-dispara-de-novo-em-2020/>>. Acesso em 20/02/2021;

<sup>4</sup> BONILLA, Juan Miguel Hernández. Diretora de Meio Ambiente da OMS: “70% dos últimos surtos epidêmicos começaram com o desmatamento”. El País, 06 fev. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-06/70-dos-ultimos-surtos-epidemicos-comecaram-com-o-desmatamento.html>>. Acesso em 20/02/2021;

aproximadamente um em cada três surtos de doenças novas e emergentes está ligado à mudança no uso da terra.<sup>5</sup> Podemos citar, como exemplo, os casos crescentes de malária no Brasil, relacionados com o desmatamento na Amazônia, tendo em vista a pecuária, a monocultura e o extrativismo vegetal e mineral.

Não obstante, certos patógenos têm seu surgimento através da criação de animais para comercialização, como foi o caso da H1N1 (originária da criação de porcos), da EEB, ou doença da vaca louca (originária da criação bovina) e da SARS (originária da criação de animais silvestres). Esse aspecto nos leva ao caso particular da covid-19, isto é, o que quero sugerir é que seu surgimento se dá dentro deste mesmo contexto da exploração animal para o consumo.

A fonte mais provável de surgimento da covid-19 é um mercado de animais silvestres localizado na China. O consumo de animais silvestres se tornou popular na China em 1970, quando a parte mais pobre da população os utilizava como complemento alimentar. Em 1988, a China aprova a Lei de Proteção da Vida Selvagem, que considera os animais silvestres propriedade do Estado (Art 3) e incentiva a criação e domesticação desses animais (Art 17). Assim, inicia uma produção em escala industrial de animais silvestres para o consumo. Peter Li, professor da Universidade de Houston e especialista no comércio de animais na China, em entrevista ao canal Vox, afirma que a maioria da população na China não consome animais silvestres.<sup>6</sup> Segundo ele, esses animais são produtos consumidos por “ricos e poderosos”. Ao relacionar comércio e

---

<sup>5</sup> ECOHEALTH ALLIANCE. Targeting Transmission Pathways for Emerging Zoonotic Disease Surveillance and Control. Vector Borne and Zoonotic Diseases, 01 jul 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4507309/>>. Acesso em 20/02/2021.

<sup>6</sup> VOX. How wildlife trade is linked to coronavirus. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TPpoJGYIW54>>. Acesso em 20/02/2021;

produção de animais silvestres em grande escala, cria-se um ambiente propício para o surgimento de novos vírus.

O consumo de carne no capitalismo não é apenas uma afronta à vida animal, mas também está vinculado a um modo de produção nocivo à própria humanidade, seja devido ao desmatamento, seja por conta do surgimento de patógenos, ou ainda por ser responsável pela possível deterioração das condições de saúde dos consumidores de carne. Sobre isso, inúmeros estudos relacionam o consumo de carnes com o aumento da probabilidade de desenvolvimento de câncer.<sup>7</sup>

A explicação acerca do surgimento do coronavírus e de sua disseminação não explica a proporção da letalidade que a covid-19 alcançou na sociedade brasileira. Há países onde o vírus contamina e mata menos que em outros lugares. Minha análise acerca das razões da alta taxa de mortalidade que a pandemia alcançou no Brasil se divide em três partes: a primeira é uma análise sobre o racismo estrutural, pobreza, falta de saneamento básico e alimentação debilitada na definição de um tipo social que sofreu os maiores impactos na pandemia. Em um segundo momento, relaciono a letalidade da covid-19 com a administração federal brasileira, tanto com relação às decisões preventivas e de combate que não foram corretamente tomadas, quanto pelo sucateamento do sistema único de saúde. Por último, proponho uma análise do comportamento dos cidadãos brasileiros enquanto indivíduos éticos e autorreflexivos com relação às medidas de prevenção à covid-19.

Uma pesquisa realizada em São Paulo capital, pelo Instituto Pólis, entre março e julho deste ano, revelou que a taxa de óbito por covid-19 de

---

<sup>7</sup> INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. A OMS classifica carnes processadas como cancerígenas. Instituto Nacional do Câncer, 26 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/noticias/oms-classifica-carne-processadas-como-cancerigenas>>. Acesso em 20/02/2021. INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER. Agents classified by the IARC Monographs, Volumes 1–128, 02 dez 2020. Disponível em: <<https://monographs.iarc.who.int/list-of-classifications>>. Acesso em 20/02/2021.

pessoas negras é de 172 vítimas a cada 100 mil habitantes, enquanto os óbitos de pessoas brancas são de 155 a cada 100 mil, taxa que se repete em vários municípios.<sup>8</sup> O que condiciona essa disparidade é, principalmente, a falta de acesso a recursos financeiros e estrutura de saneamento básico para moradia, ambas agravadas e propiciadas pelo racismo estrutural. O epidemiologista Jorge Kayano afirma:<sup>9</sup> “A população negra está residindo, em média, em moradias mais precárias, está morando em bairros com menos infraestrutura, tanto de saneamento quanto de acesso a serviços. Quando eu sei que a covid-19 está se espalhando e atingindo mais a periferia, que é onde tem mais negros, você vai ter mais negros adoecendo, em piores condições, com mais dificuldade de acessar serviços, ficando com um quadro da doença mais grave e chegando aos hospitais em condições mais precárias de atendimento”. Ou seja, a taxa de mortalidade é maior em pessoas negras não por causa da cor da pele, mas devido a uma situação social debilitada.

A incidência da covid-19 se torna grave em pessoas mais pobres não apenas por falta de acesso a saneamento e tratamentos médicos de qualidade, mas também por outros dois fatores muito importantes. O primeiro é a falta de uma alimentação de qualidade. De acordo com o relatório mundial de nutrição de 2020,<sup>10</sup> pessoas com deficiência alimentar apresentam o sistema imunológico debilitado e, segundo o secretário geral da ONU, David Nabarro, a baixa imunidade deixa as pessoas muito mais expostas à covid-19. Um segundo condicionante é o fato de muitas das pessoas de baixa renda não conseguirem fazer o isolamento social devido às condições

---

<sup>8</sup> INSTITUTO PÓLIS. Raça e Covid no Município de São Paulo. Julho de 2020. Disponível em: <<https://polis.org.br/estudos/raca-e-covid-no-msp/>>. Acesso em 20/02/2021;

<sup>9</sup> BOEHM, Camila. Mortalidade por covid-19 é maior entre população negra em São Paulo. Agência Brasil, 28 ago.2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-08/mortalidade-por-covid-19-e-maior-entre-populacao-negra-em-sao-paulo>>. Acesso em 20/02/2021;

<sup>10</sup> GLOBAL NUTRITION REAPORT. The 2020 Global Nutrition Report in the context of Covid-19. Disponível em: <<https://globalnutritionreport.org/reports/2020-global-nutrition-report/2020-global-nutrition-report-context-covid-19/>>. Acesso em 20/02/2021.

exigidas por suas profissões, principalmente os profissionais autônomos. Geralmente, os empregos que oferecem a possibilidade de *home office* não são aqueles ocupados por pessoas de baixa renda, aumentando, assim, a exposição dos mesmos à covid-19.

Temos claramente um tipo social que está mais exposto à pandemia e esse fato está escancarado a quem tiver o interesse e a decência de vê-lo. Caberia ao estado brasileiro prover os devidos cuidados para com esses grupos expostos a maiores riscos. Porém, o estado está sendo omissos e irresponsável de várias maneiras.

O Estado brasileiro é omissos em vários aspectos e níveis, do poder executivo ao legislativo, indo até os governadores estaduais. O primeiro descaso para com a saúde da população brasileira que cito é o histórico desmonte do Sistema Único de Saúde- SUS, componente imprescindível para a saúde da população de baixa renda. O marco deste descaso é a aprovação em 2016 da Emenda Constitucional nº 95, ou PEC do teto de gastos, que congela os gastos públicos por 20 anos, o que impacta diretamente o repasse de verbas para as instituições de saúde já debilitadas.

O auge da irresponsabilidade por parte da máquina pública em conter a pandemia e, conseqüentemente diminuir o risco para aqueles que já estão cotidianamente em situação de vulnerabilidade devido às condições precárias de vida, reside na incitação por parte do presidente da República em burlar as medidas de prevenção à covid-19 que foram aprovadas durante seu mandato. Publicamente o presidente desacreditou a letalidade da doença ao chamá-la de “gripezinha”, incitou à retomada do comércio e à normalidade da vida cotidiana, aspectos estes que incidem de forma negativa no controle da propagação e letalidade da covid-19 na complexa situação brasileira. Essas declarações, sejam por vias oficiais ou não, sendo divulgadas pelo presidente, têm grande poder de influenciar o modo como a população irá se portar diante das medidas sociais restritivas adotadas

no período da pandemia. Porém, a culpabilidade desses atos não se restringe apenas à atuação do representante do país, mas se alastra por toda a máquina pública. Caberia ao setor legislativo fazer as devidas cobranças do presidente por suas declarações que colocam a sociedade brasileira em risco. Igualmente, caberia aos governadores(as) e prefeitos(as) se oporem à implementação da volta à normalidade profetizada pelo presidente para assegurar o bem estar e a segurança de sua população.

Podemos observar nitidamente que os gestores(as) de nosso sistema democrático não têm nenhum compromisso com a saúde e o bem estar da população brasileira. Seu compromisso está alinhado com o capital. As medidas de isolamento social adotadas foram rapidamente desfeitas por meio de lobby. Em suma, tem-se aquilo que sempre é presente em democracias burguesas: a preocupação com a economia e não com a população, porém elevada a um grau jamais visto.

Creio que a pobreza, o racismo estrutural e o Estado omissivo já são suficientes para delimitar os principais contornos do que se tornou a pandemia no Brasil. Porém, vale a pena destacar um aspecto particular que também contribui para a atual situação: a questão do autocuidado relacionado com a saúde. Essa questão não decorre apenas da falta de boa alimentação que causa propensão ao desenvolvimento de problemas graves associados à covid-19, mas igualmente do sobrepeso e das doenças crônicas. Os alimentos que nos são literalmente empurrados pelo capitalismo nunca são aqueles que propiciam saúde. Segundo um estudo feito entre os anos de 2006 e 2007 pelo Observatório de Políticas de Segurança Alimentar e Nutrição, 72% das propagandas de alimentos que são passadas em canais de TV, aberta e por assinatura, divulgam alimentos com alta taxa de açúcar, sal e gordura<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRIÇÃO(UNB). 72% das propagandas de alimentos vendem más opções à saúde. Carta Maior, 07 set. 2008. Disponível em: <

Não podemos esquecer, também, que o uso de máscaras e o isolamento social, por aqueles que tinham a possibilidade de fazê-lo, não foram bem recebidos pela população em geral, o que mostra não apenas uma falta de cuidado da saúde individual como também um total desprezo pelo bem estar coletivo.

A leitura que ofereço da pandemia de covid-19 relaciona constantemente, de forma explícita, a ocidentalidade imperante em nossa sociedade brasileira e na geopolítica global, o capitalismo e a colonização. A individualidade e a sobreposição da economia à vida são marcas do pensamento ocidental que colonizou este país e que rege as leis da geopolítica, assim como o racismo estrutural e a imensa desigualdade social possuem relação direta com o fato de sermos um país marcado pela exploração. É importante lembrar: todos os problemas que vemos acentuados pela covid-19 sempre estiveram presentes em nossa realidade nacional e global.

Não creio numa saída fácil para a crise atual, seja para a pandemia, seja na estrutura social desigual e homicida. Saídas, nesse sentido, são construções históricas, em raros casos imediatas, e, dada a atual situação, a imediatez não virá. A mobilização social e institucional não foi capaz de implementar as medidas de prevenção à covid-19. Creio que pessoas continuarão a ser assassinadas até a chegada da vacina. Com a atual crise econômica já assolando os mais pobres e as políticas de Estado protecionistas dos mais ricos, resta à população subjugada escolher entre morrer de covid-19 trabalhando, ou morrer de fome sem trabalho. Talvez a única saída seja a exigência do direito à vida mediante organização e luta popular.

## Referências

- 1 BOEHM, Camila. Mortalidade por covid-19 é Maior Entre População Negra em São Paulo. Agência Brasil, 28 ago.2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-08/mortalidade-por-covid-19-e-maior-entre-populacao-negra-em-sao-paulo>>. Acesso em 20/02/2021.
- 2 BONILLA, Juan Miguel Hernández. Diretora de Meio Ambiente da OMS: “70% dos últimos surtos epidêmicos começaram com o desmatamento”. El País, 06 fev. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-06/70-dos-ultimos-surtos-epidemicos-comecaram-com-o-desmatamento.html>>. Acesso em 20/02/2021.
- 3 DUSSEL, Henrique. 1492: o encobrimento do outro. Editora Vozes Ltda, 1993.
- 4 ECOHEALTH ALLIANCE.Targeting Transmission Pathways for Emerging Zoonotic Disease Surveillance and Control. Vector Borne and Zoonotic Diseases, 01 jul 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4507309/>>. Acesso em 20/02/2021.
- 5 ESCOBAR, Herton. Dorado, Moisés. Desmatamento da Amazônia Dispara de Novo em 2020. Jornal da USP, 07 ago. 2020. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/ciencias/desmatamento-da-amazonia-dispara-de-novo-em-2020/>>. Acesso em 20/02/2021.
- 6 GLOBAL NUTRITION REAPORT. The 2020 Global Nutrition Report in the Context of Covid-19. Disponível em: <<https://globalnutritionreport.org/reports/2020-global-nutrition-report/2020-global-nutrition-report-context-covid-19/>>. Acesso em 20/02/2021.
- 7 GRAGNANI, Juliana. Por que o Coronavírus Mata Mais as Pessoas Negras e Pobres no Brasil e no mundo. BBC News Brasil em Londres, 12 jul. 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>>. Acesso em 20/02/2021.

8 GRUBER, Arthur. Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença. *Jornal da USP*, 14 abr.2020. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/> >. Acesso em 20/02/2021.

9 INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. OMS Classifica Carnes Processadas Como Cancerígenas. Instituto Nacional do Câncer, 26 jul. 2018. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/noticias/oms-classifica-carnes-processadas-como-cancerigenas>. Acesso em 20/02/2021.

10 INSTITUTO POLÍS. Raça e Covid no Município de São Paulo. Jul de 2020. Disponível em: <<https://polis.org.br/estudos/raca-e-covid-no-msp/>>. Acesso em 20/02/2021.

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER. Agents Classified by the IARC Monographs, Volumes 1–128, 02 dez 2020. Disponível em: <<https://monographs.iarc.who.int/list-of-classifications>>. Acesso em 20/02/2021.

11 OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRIÇÃO(UNB). 72% das propagandas de alimentos vendem más opções à saúde. *Carta Maior*, 07 set. 2008. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/72-das-propagandas-de-alimentos-vendem-mas-opcoes-a-saude/5/14134>>. Acesso em 20/02/2021.

12 PAOLOZZI, Mariana. Pandemia, Autorrelação e a Crise da Gestão dos Alimentos. *Revista Humanidades* Nº64, dez. 2020. Disponível em: <[https://www.editora.unb.br/downloads/v4\\_RevistaHumanidades64\\_impreso\\_PagDupla\\_Web.pdf](https://www.editora.unb.br/downloads/v4_RevistaHumanidades64_impreso_PagDupla_Web.pdf)>. Acesso em 20/02/2021.

13 VOX. How Wildlife Trade is Linked to Coronavirus. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TPpoJGYIW54>>. Acesso em 20/02/2021.

14 ZIMMER, Katarina. Desmatamento está Aumentando Doenças Infeciosas em Humanos. *National Geographic*, 4 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2019/12/desmatamento-esta-causando-aumento-de-doencas-infeciosas-em-humanos>>. Acesso em 20/02/2021.

## Da possibilidade de autocorreção ou autofagia da atual era geológica: evolução aos trancos e barrancos do espírito no antropoceno

Fernando Nazário <sup>1</sup>

### 1. Causa ecológico-sanitária

É cristalino que a atual e sintomática crise causada pelo “novo”<sup>2</sup> coronavírus ultrapassa a grave questão sanitária e suas consequências pontuais. Esta crise é apenas um sintoma de uma crise muito mais profunda que é inerente ao modo moderno de vida da civilização. Como aponta Vandana Shiva em *Dos bosques às nossas granjas, ao nosso microbioma intestinal*, a “peça de dominó” anterior a esta crise tem origem nutricional e produtiva, refletindo o nosso péssimo hábito alimentar e o modo globalizado como produzimos não só os alimentos, mas todos os demais produtos e *commodities* que são extraídos de forma totalmente inconsequente da natureza. Aliás, o problema já começa na forma de tratar “natureza” como algo externo e longínquo ao nosso cotidiano. Nada mais falso! Somos meio ambiente de uma infinidade de microorganismos que vivem em nós e que, inclusive, constituem a maior parte do corpo humano<sup>3</sup>.

Somos um grande organismo, que adoece enquanto planeta e precisa de harmonia na sua biodiversidade. Desequilibra-se um “órgão” desse

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [nandopiacente@gmail.com](mailto:nandopiacente@gmail.com).

<sup>2</sup> Aspas aqui por enxergar problemas com o significado amplo desse termo, que remete ao estado mais avançado de uma sociedade humana, abrindo muito espaço para questionamento do que realmente significa ser avançado enquanto sociedade, qual aspecto se deve priorizar, tecnologia, bem-estar?;

<sup>3</sup> “Mais da metade do seu corpo não é humano, dizem cientistas.” Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43716220>>. Acesso em: 26/10/20.

grande organismo e prontamente a mãe-terra ativa seu mecanismo de defesa, gerando mudanças climáticas, pandemias e outros fenômenos a fim de equilibrar as forças que ali operam.

Ou seja, nosso modo de vida é um prato cheio para pandemias como essa, que não foi a primeira e nem será a última, sem mencionar os outros problemas como catástrofes climáticas.

Mas quem quer parar? Afinal as pessoas “gostam do gostinho” e é lucrativo. Esse comportamento letal tem como fundamento o especismo, a ideia de que pertencemos a uma espécie superior. Essa visão é profundamente equivocada e, se não revisada, levará à autofagia humana (além de outras espécies que já foram extintas e tantas outras que serão).

No caso do Brasil, um dos maiores produtores de gado do mundo, desmata-se florestas inteiras, poluem-se rios e lençóis freáticos para criar pastos e plantações de monoculturas como soja regadas à base de agrotóxicos (não para alimentar as pessoas, pois a maior parte da soja alimenta o gado para, depois, alimentar as pessoas). Não há um único aspecto positivo nessa cadeia. Não faltam dados na literatura médico-científica comprovando os malefícios do consumo de gordura animal para os humanos (principalmente se consumidos com essa voracidade e envenenamento dos não humanos). Então, se o hábito de consumir vorazmente animais e seus derivados faz mal para os humanos, para o meio ambiente, altera o clima, gera pandemias e causa o sofrimento em massa de animais não humanos, por que continuamos?

## **1.2. Causa da causa ecológico-sanitária**

Focando nas possíveis causas da crise, analisarei brevemente a questão da biossegurança alimentar e sanitária<sup>4</sup>, e dos danos infligidos ao meio

---

<sup>4</sup> Temática examinada por PAOLOZZI, Mariana. *Pandemia e Autorrelação: entre a Ética e a Política*. Comunicação, Colóquio Self (UFSC), 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QCHMGBBDBYco&t=26s>>. Acesso em: 12/08/20.

ambiente. Isso tudo, porém, é gerado por um fator muito específico: a força capitalista de busca incessante por lucros. Passo então a tratar daquela que pode ser a chave interpretativa de todos os problemas que esta pandemia apenas escancarou. Podemos pensar que foi após a revolução industrial que nossas ações começaram a tomar proporções desastrosas e ameaçadoras e de fato foi, mas a força econômica que deu propulsão a isto já existia, e seus efeitos negativos só vieram à tona quando passamos a produzir em massa todos os tipos de bens de consumo, sem considerar suas procedências. É na época moderna que o capitalismo vai então encontrar sua via de ação livre, em busca de lucros sem limites, e considerando os recursos ecológicos como meros “meios” a serem extraídos de forma “infinita”, sob a égide da “ditadura do crescimento”. Aliás, o conceito de crescimento está no âmago dos nossos mais graves problemas, de forma que é improvável visualizar uma saída que não exija sua desconstrução. Como muito bem apontado por Dante C. Targa, “o decrescimento pode ser a saída do labirinto”<sup>5</sup>.

O capitalismo tardio, vestido na sua forma mais nova, a saber, o ultraneoliberalismo, varre o mundo em uma onda de diminuição da coisa pública para um nível mínimo que apenas garanta o livre funcionamento privado, que só aumenta as desigualdades sociais e o massacre ecológico. A lógica por trás do neoliberalismo é a de tudo privatizar, desregular e flexibilizar, subjugando todos os aspectos da vida ao econômico. Essa tendência pode ser pensada através do conceito de Homo Economicus, muito bem delineado em *Pandemia e as falácias do homo economicus* (RUIZ, 2020). É interessante notar que o capitalismo não é algo antropocêntrico, pois isso implicaria que ele se corrigisse enquanto

---

<sup>5</sup> TARGA, Dante C. em *Entre a conversão antropológica e a regressão ética: uma apologia do decrescimento no debate ecológico atual*.

sistema quando colocado em risco seu próprio funcionamento. E de fato, as propostas ambientais atuais são de interesse até mesmo para o próprio funcionamento capitalista, visto que estamos indo rumo à destruição da base de vida, e sem vida fica um pouco difícil o capitalismo operar. Logo, o que se conclui? Que há mais um chauvinismo capitalista do que antropocentrismo aqui. Sim, é desoladora essa perspectiva e faz compreender o pessimismo de alguns.

Isso pode ser muito claramente percebido ao se pensar na questão da medicalização<sup>6</sup>, onde a medicina, permeada por essa lógica maquinal e materialista criou basicamente uma ditadura, um imperialismo médico que trata aspectos da vida humana que não seriam médicos, como questões médicas, apenas por lucro, o que faz da iatrogênese uma das principais causas de morte no Brasil. Junta-se a isso a lógica capitalista e podemos entender a gravidade da questão, pois pelo modo da indústria médico-farmacêutica atuar, não é interessante pensar na causa dos males médicos, mas apenas em efeitos paliativos. Essa é a forma da medicina ocidental operar, esquecendo até mesmo de sua base, criada por Hipócrates na Grécia Antiga, que dizia que o alimento deve ser nosso remédio e o remédio nosso alimento (dentre outros hábitos, como diz o higienismo natural). Caso isso fosse seguido, o mundo seria outro, pois sabemos que a maioria dos problemas de saúde são causados por estilos de vida nada saudáveis (dieta, rotina de stress, ar que respiramos, saneamento, etc).<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco em *O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização*.

Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832012000100003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100003)>.

<sup>7</sup> Ver as interessantes observações de DÓRIA, Carlos Alberto; AZEVEDO, Elaine em: *Banquetaco: ativismo alimentar e a construção de novas formas de expressão política*: “Por último, mas não menos importante, o discurso das micropolíticas das práticas cotidianas, dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari, transfere o poder para as mãos dos indivíduos, grupos e organizações. São teorias que têm em comum o deslocamento das ações transformadoras para um território ainda não “colonizado” pelos partidos tradicionais, mesmo os de esquerda.” Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/banquetaco-ativismo-alimentar>>.

## 2. Autocorreção antropocênica

Mas como superar a maior crise já vivida pelo ser humano? Crise essa, ressalto, não apenas do último coronavírus, mas dessa crise civilizatória que nos trouxe até aqui. Obviamente que não há uma solução simples e fácil, trata-se de algo muito complexo de raízes históricas e que diz respeito aos aspectos mais gerais de nossa espécie. Penso, porém, em alguns possíveis caminhos que passam por duas perspectivas: uma teórica e outra prática, que se baseiam no fato de sermos dotados de capacidade racional e reflexiva que tornam atitudes corretivas possíveis, embora ainda opcionais.

Quando compreendemos que não só uma determinada potência capitalista está agindo mal, mas que nossos vizinhos, nossos familiares e nós mesmos também não fazemos nem o básico para melhorar a vida coletiva, percebemos que temos uma parcela de culpa. E para tanto, se faz necessário fomento de mais debates e compreensões refinadas a fim de nos informarmos e mais que isso, informar os outros da importância de nossas ações individuais, entendendo o papel da micropolítica nesse cabo de guerra contra a indústria agropecuária, empreiteiras, hidroelétricas, instituições financeiras, etc<sup>8</sup>.

Ainda na solução teórica, penso ser crucial valorizar as “humanidades” e, nesse sentido, a filosofia especificamente tem muito a contribuir. Precisamos “dar mais gás” para ideias e interpretações engajadas com nosso momento, valorizando uma nova bioética, mais holística, que repense todos os nossos valores em relação a toda forma de vida (as cosmovisões dos povos autóctones são sagazes nesse sentido). Nisso, já temos bastante material, como a “Ecologia Profunda” de Arne Naess<sup>9</sup>,

---

<sup>8</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>9</sup> É muito rico o debate que tem sido feito desde o surgimento dos movimentos ambientalistas da década de 60 para cá. Colocarei nas referências um material sobre a Ecologia Profunda.

Ecoética, Zooética, embora precisemos de mais esforços para implementação dessas teorias, bem como para realizar um trabalho conjunto a outras áreas. É claro que sempre podemos questionar o alcance da voz da filosofia. Porém valorizar apenas a ciência e tecnologia em detrimento das humanidades não tem funcionado. Muitas questões ainda continuam em aberto no campo das ideias, e é na filosofia e “humanidades” que podemos avaliar os valores morais, encontrar novos sentidos, significados e tentar um convencimento dos “atores” responsáveis pela transformação prática. Por isso mesmo a filosofia é inútil se caminhar sozinha, ela precisa sempre atuar junto àqueles que têm o poder de influenciar opiniões, de legislar, de convencer e educar. Mas o fato é que o convencimento é indispensável, e isso prova a vital importância de construirmos compreensões refinadas que são justamente a essência da filosofia.

### **3. O segundo aspecto: o prático**

A conscientização gradativa das pessoas fará com que lutem por novas e melhores formas de vida em sociedade. Penso que o caminho mais importante é o da organização solidária, da autogestão e da ação direta popular. Há inúmeros exemplos aqui, hortas comunitárias, assembleias populares, etc. Entretanto, além desse sentido coletivo de luta política, é vital o papel da ação individual. Imagine, por exemplo, quantos bioeticistas (no sentido amplo, não apenas clínico), ou defensores dos direitos dos animais e meio ambiente, deixam de consumir derivados de animais?

Entendo que somos “adestrados culturalmente” pelo sistema e hoje temos caminhos neurais solidificados para obter prazer de certas práticas, que são, portanto, muito difíceis de mudar. Temos como indivíduos o papel fundamental de conquistar mudanças e estimular nossos próximos a fazer o mesmo. É o velho clichê: “é preciso começar por nós”, e podemos fazer isso através de boicotes e muito ativismo.

São, enfim, tempos desoladores, mas há esperança. Em tempos difíceis aparecem os exemplos mais nobres de ajuda humanitária. Não são poucos os casos de solidariedade que surgiram com esta última crise. É também um tempo muito frutífero para a propagação de novas ideias e ações. Como diz Eliane Brum em *O futuro pós-coronavírus já está em disputa: “como impedir que o capitalismo, que já nos roubou o presente, nos roube também o amanhã?”*. Pela primeira vez, vemos uma era geológica, o Antropoceno, tendo como causa, um ator dotado de consciência para repensar suas atitudes.

Com certeza, porém, houve tempos piores. Estamos aprendendo. Aos trancos e barrancos, mas ainda assim, aprendendo. Talvez Hegel esteja certo, afinal, e o espírito na sua incessante busca por autoconhecimento e pensamento absoluto, mesmo tropeçando no caminho, vai sim se corrigindo, cumprindo o papel de ser o próprio universo tentando entender a si mesmo através da consciência humana. Terminei então com a máxima apologia à filosofia: se a antiguidade foi marcada pela força do mito; a idade média, pela força da religião; a modernidade, pela ciência; quem sabe a filosofia não possa perder o medo de abandonar sua zona de conforto acadêmica e preencher a lacuna ideológica da pós-modernidade. Pois se é de esclarecimento que precisamos (e de sua popularização), a filosofia se faz vitalmente importante e talvez possamos entrar, quem sabe, na era da ética.

## Referências

- 1 SHIVA, Vandana. *Dos bosques às nossas granjas, ao nosso microbioma intestinal*. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Mae-Terra/Vandana-Shiva-sobre-o-coronavirus-Dos-bosques-as-nossas-granjas-ao-nosso-microbioma-intestinal/3/47552>>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

- 2 PAOLOZZI, Mariana. *Pandemia e Autorrelação: entre a Ética e a Política*. Comunicação, Colóquio Self (UFSC), 2020. Disponível em: =:<<https://www.youtube.com/watch?v=QCHMGBDBYco&t=26s>>.
- 3 TARGA, Dante Carvalho. *Entre a conversão antropológica e a regressão ética: uma apologia do decrescimento no debate ecopolítico atual*. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/73048>> . Acesso em: 20 de set. de 2020.
- 4 RUIZ, CASTOR BARTOLOMÉ. *Pandemia e as falácias do homo economicus*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598157-pandemia-e-as-falacias-do-homo-economicus>>. Acesso em 20 de set. de 2020.
- 5 GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. *O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização*. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832012000100003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100003)>. Acesso em: 25 de set. de 2020.
- 6 DÓRIA, Carlos Alberto; AZEVEDO, Elaine. *Banquetaço: ativismo alimentar e a construção de novas formas de expressão política*. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/banquetaco-ativismo-alimentar>>. Acesso em 25 de set. de 2020.
- 7 BRUM, Eliane. *O futuro pós-coronavírus já está em disputa: Como impedir que o capitalismo, que já nos roubou o presente, nos roube também o amanhã?* Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-08/o-futuro-pos-coronavirus-ja-esta-em-disputa.html>>. Acesso em 26 de set. de 2020

## Somos corresponsáveis pela pandemia do coronavírus?

*Viviane Regina dos Santos<sup>1</sup>*

A Pandemia do Coronavírus está posta. E por estar posta, nos desconstrói. Nos desconstrói pelo fato de pensarmos muitas vezes nela como algo não natural ou algo que não deveria acontecer, como castigo dos céus ou como responsabilidade apenas de alguns de nós, seres humanos. Mas será?

Há autores que dissertam sobre a Pandemia do Coronavírus, eles nos trazem dados de pesquisas, reflexões filosóficas, sociais, econômicas, de saúde e outras, que criam uma rede de informações e essa nos ajuda a compreender o cerne dessa crise pela qual estamos passando. Podemos então escolher alguns deles e assim fazer uma análise do momento atual que pode se iniciar com a questão econômica mundial, passar pela questão de saneamento básico, pela questão da gestão de alimentos e da saúde finalizando com um olhar para o “como o ser humano lida com o cuidado de si e como faz o entrelaçamento entre o cuidado desse individual e do coletivo<sup>2</sup>”.

Podemos iniciar nossa análise a partir da questão econômica mundial, pois sabemos que a disparidade financeira entre países pobres e ricos faz com que a crise atual seja mais acentuada nos países pobres, onde os investimentos econômicos são ínfimos quando se trata de saneamento, saúde e todos os conteúdos referentes ao bem estar social. Esta realidade se

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [vivirnti@gmail.com](mailto:vivirnti@gmail.com).

<sup>2</sup> PAOLOZZI, Mariana. **Pandemia e Autorrelação: entre a Ética e a Política**. Comunicação, Colóquio Self (UFSC), 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QCHMGDBBYco&t=26s>>. Acesso em: 12/08/20.

mostra no Brasil através dos dados IBGE que apontam o fato de que o número de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza aumentou em um milhão por ano de 2015 a 2018, somando até aquela data, treze vírgula cinco milhões de pessoas miseráveis. Acrescenta-se a isso a Pesquisa de Informações Básicas Municipais do IBGE de 2013 que nos traz o fato de que apenas trinta e oito por cento do esgoto produzido no Brasil eram tratados e dos cinco mil quinhentos e setenta municípios brasileiros, dois mil seiscentos e cinquenta e nove não monitoravam a qualidade de sua água. Sabemos que esta realidade nos traz um panorama onde doenças de toda a sorte têm o seu espaço.

Caminhando desse recorte da economia para a questão da gestão de alimentos, mundial e brasileira, podemos trazer a pesquisadora Vandana Shiva<sup>3</sup> que nos reporta a várias questões referentes ao “como nos relacionamos com o planeta terra”. Segundo ela: “Novas doenças estão sendo criadas porque um modelo globalizado, industrializado e ineficiente de alimentos e agricultura está invadindo o habitat ecológico de outras espécies, manipulando animais e plantas sem respeitar sua integridade e saúde. A ilusão da terra e de seus seres como matéria-prima a ser explorada com fins lucrativos está criando um mundo conectado através de doenças”. E segue: “À medida que as florestas são destruídas, nossas fazendas são transformadas em monoculturas industriais para produzir produtos tóxicos e nutricionalmente vazios, e nossas dietas são degradadas pelo processamento industrial, com produtos químicos sintéticos e engenharia genética em laboratórios, nos conectamos através de doenças, em vez de estarmos conectados através da biodiversidade dentro e fora de nós, através de uma rede contínua de saúde através da e graças à biodiversidade”.

---

<sup>3</sup> SHIVA, Vandana. **Dos bosques às nossas granjas, ao nosso microbioma intestinal**. Publicado originalmente em [lavaca.org](http://lavaca.org), Tradução de Victor Farinelli.

Ela nos coloca que os cientistas nos avisam que ao invadir os ecossistemas florestais, destruir os habitats de muitas espécies e manipular as plantas e os animais para obter lucro econômico, fomentamos o surgimento de novas doenças pois os agentes patológicos surgem quando os ecossistemas florestais são invadidos e os vírus se transferem de animais para pessoas.

Temos desta forma um panorama mundial onde se apresentam problemas de gestão econômica que resultam no aumento da pobreza, problemas do âmbito de investimento em saneamento básico e na saúde e problemas relacionados com o modelo globalizado de gestão de alimentos e dessa forma convergimos para um abalo da saúde de todos os indivíduos. E indivíduos não saudáveis tendem a procurar na medicina um suporte para as suas enfermidades.

Segundo Ivan Illich<sup>4</sup>, na busca desse suporte também reside um questionamento: “Em que medida a medicina moderna também se torna uma ameaça ao indivíduo?” Illich em seus escritos nos coloca a relevância do que ele vem a chamar de medicalização, a qual ele se refere como tratamentos com substâncias químicas, os remédios, e também ao fato de que problemas não médicos passam a ser tratados como problemas médicos retirando de todos os indivíduos o protagonismo sobre as questões da própria de saúde. Soma-se a isso uma outra questão abordada por ele que é a iatrogênese, e esta se refere a todo e qualquer resultado negativo da medicina, que pode estar relacionado a questões que vão desde o equívoco na prescrição de remédios, resultando em efeitos colaterais, à negligência e incompetência médicas até a dependência de toda a população de intervenções médicas.

---

<sup>4</sup> *A expropriação da saúde. Nêmesis da Medicina*. R.J.: Ed. Nova Fronteira.

Olhando atentamente vemos que a Pandemia do Coronavírus está posta e que é o resultado de ações e de omissões da sociedade em relação a valores morais, éticos, questões financeiras e sociais.

Este momento nos pede que revisemos atitudes e comportamentos e que não deleguemos a responsabilidade do momento atual a outrem, mas que sejamos coresponsáveis. Isto significa que devemos exercer o cuidado conosco num movimento de autorrelação, que segundo Mariana Paolozzi<sup>5</sup> requer uma atitude de cuidado de si e do cuidado de nós, que só se realiza na interseção entre o individual e o coletivo.

Como sugestão para saída dessa crise que se instalou a meu ver há muito tempo e que tem agora como ferida aberta o Coronavírus, coloco que é necessário um alto investimento financeiro na educação e na saúde, bem como nas questões de planejamento das cidades, o que envolve o saneamento básico. Acrescento a isso o respeito às florestas, matas e suas biodiversidades e uma maior consciência na forma com que o ser humano se relaciona consigo e com o outro.

Urge que essa relação seja de harmonia e cuidado para com todos os seres do planeta e que as questões financeiras não se sobreponham ao equilíbrio dos ecossistemas para que possamos viver em harmonia tendo assim um entrelaçamento entre o individual e o coletivo.

## Referências

- 1 PAOLOZZI, Mariana. **Pandemia e Autocorrelação: entre a Ética e a Política**. Comunicação, Colóquio Self (UFSC), 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QCHMGBDBYco&t=26s>>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.
- 2 SHIVA, Vandana. **Dos bosques às nossas granjas, ao nosso microbioma intestinal**. Publicado originalmente em [lavaca.org](http://lavaca.org) | Tradução de Victor Farinelli. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Mae-Terra/Vandana-Shiva->

---

<sup>5</sup> *Ibidem*. PAOLOZZI, Mariana.

sobre-o-coronavirus-Dos-bosques-as-nossas-granjas-ao-nosso-microbioma-intestinal/3/47552>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

3 ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde. Nênesis da Medicina**. R.J.: Ed. Nova Fronteira, 1975.

## A crise e as curas prometidas

Caio Adriano Silvano <sup>1</sup>

Com o advento da pandemia por coronavírus (SARS-CoV-2) que ainda vivenciamos durante o mês de outubro do ano de 2020, debates e questionamentos acerca das medidas de saúde pública tornaram-se frequentes e acalorados. A falta de responsabilidade por parte dos estadistas deixou ainda mais explícita a necessidade de se reavaliar nossos hábitos individuais e as cobranças que devem ser feitas aos representantes políticos. Mesmo que num futuro próximo seja desenvolvido um medicamento ou vacina que encerre a ação do micro-organismo da ‘moda’ (algo pouco provável, pois sabemos dos problemas de distribuição das possíveis futuras vacinas, com agressivas compras de pelo menos metade das doses disponíveis por parte de países como os EUA<sup>[1]</sup>), ainda corremos risco de enfrentar novas dificuldades de natureza parecida, pois a experiência atual não deve ser o suficiente para que todas as medidas necessárias sejam tomadas. Supondo que a origem da COVID-19 tenha realmente sido decorrente da exposição a animais silvestres e consumo deles, poderíamos ter evitado o transtorno se tivéssemos alterado tal comportamento após os graves casos de contaminação por MERS-Cov, outro vírus da família *corona* presente no Oriente Médio (transmitido também pelo manejo de camelos e dromedários<sup>[2]</sup>), cuja

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: caioasilvano@outlook.com.

gravidade já vinha sendo anunciada pelo menos desde 2012<sup>[3]</sup>. Desta forma, entre goles e injeções de detergente<sup>[4]</sup>, percebemos o quanto a comunidade global tem desprezado a ciência mesmo nos momentos em que ela mais pode solucionar os transtornos. E isso, claro, é em grande parte responsabilidade dos governantes, os quais não proporcionam educação adequada aos cidadãos, que, pela ignorância sobre o tema, em ímpetos imediatistas, preferem correr riscos, perder tempo e dinheiro, ao invés de seguir as medidas de contenção e aguardar o desenvolvimento de tratamentos eficazes.

Se isso fosse apenas no caso da COVID-19, já que as estimativas de tempo para termos vacinas e medicamentos são de fato angustiantes, poderíamos analisar essa busca por tratamentos ‘alternativos’ como algo passageiro e desesperado. Porém, não é o que acontece. Apenas no ano de 2018, 1.2 trilhão de dólares foram movimentados mundialmente na venda de produtos farmacêuticos, com previsão de que esse número alcance os 1.5 trilhão/ano até 2023<sup>[5]</sup>. Pode surgir então a indagação: todo esse gasto é mesmo necessário? A indústria farmacêutica, como dizem, tem lucros exorbitantes. Uma sociedade hipocondríaca e desinformada é um belo alvo, o que é escancarado ao vermos os números da epidemia de vício em opioides que permanece nos Estados Unidos da América há mais de vinte anos. Desde 1999, mais de meio milhão de pessoas morreram devido à superdosagem de opioides prescritos por médicos, que são de fácil compra no país<sup>[6]</sup>. Temos então um fato que indiscutivelmente nos demonstra a crueldade inerente à medicina convencional, não? Na verdade, não. Erros de diagnóstico, abuso de autoridade, excesso de prescrições medicamentosas, violência obstétrica; essas são críticas absolutamente

pertinentes ao que ocorre no exercício médico, mas não há correlação direta com os preceitos fundamentais/basilares da medicina dita *ocidental*. São erros de indivíduos (muitas vezes alheios ao que se tem atualmente como *boas práticas*, por não acompanharem o contínuo desenrolar da ciência e/ou por atuarem de modo conflitante com a medicina *baseada em evidência científica*), o que não condena a medicina como *ciência*/‘instituição’, mas apenas parte da comunidade médica e o modo como a profissão se organizou. A lógica de mercado afasta os profissionais do fazer científico. A medicina baseada em evidências é o mecanismo mais eficiente em manter a longevidade do ser humano e um dos empreendimentos de maior sucesso (cujas bases não defendem a brutalidade cometida por profissionais da saúde), mas fatores como crença em experiências anedóticas e uma formação não continuada dificultam o direcionamento de todos os benefícios para a maior parte da população. Para que um médico seja realmente especialista na manutenção do bem-estar humano, é necessário mais do que uma formação ‘básica’. E essa deficiência por parte daqueles que praticam a medicina causa outro impacto extremamente negativo: a popularização de terapias ditas ‘alternativas’ ou ‘integrativas’. Antes mesmo de questionarmos a validade delas como métodos médicos, lidaremos com o mito de que essas são formas de tratamento alheias à grande indústria e aos meandros do capitalismo. Considerando-se todos os segmentos (medicinas tradicionais, spas, tratamentos de beleza, antienvhecimento e perda de peso, etc.), esse é um mercado que movimentou 4.2 trilhões de dólares apenas em 2017, crescendo com uma taxa mais que duas vezes maior que a do PIB mundial<sup>[7]</sup>. Apenas com medicina tradicional (chamada de ‘oriental’) e complementar gastou-se 359 bilhões de dólares em 2017. Não se foge da *indústria* ao optar por esses tratamentos, inclusive a expectativa é de

que o lucro líquido obtido nesse mercado atinja os 196.87 bilhões de dólares anuais até 2025<sup>[8]</sup>. Nem mesmo o SUS está isento destas práticas, tendo em 2017 a elas destinado 17.2 bilhões de reais<sup>[9]</sup> do orçamento de R\$102.71 bilhões<sup>[10]</sup> (cerca de 16.75% do total de despesas executadas). A seguir será comentada a (in)eficácia desses métodos, mas já podemos refletir um pouco sobre se os recursos públicos para essa área não estariam melhor administrados se fossem destinados à manutenção dos hospitais e investimento em técnicas de fato comprovadas, em saneamento básico (coleta de esgoto, por acaso, é acessível a somente 48% da população brasileira<sup>[11]</sup>) e em pesquisa científica. Há pesquisadores sem salário, estudantes sem bolsa e ciência sendo demolida durante uma pandemia, enquanto parte significativa do orçamento baixo e congelado vai para terapias alternativas. Os recursos da união seriam potencialmente melhor distribuídos se baseados em evidências concretas, e não em interesses de lobistas<sup>[12]</sup>.

Para embasarmos ainda mais essa afirmação, vamos à discussão sobre a eficácia ou não das terapias integrativas. Se forem eficazes (adiantando, não o são), não merecem tantas críticas além da que já foi feita – se fantasiam de “alternativas” mas fazem parte do jogo industrial e mercadológico. Analisaremos então algumas das terapias oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de maneira sucinta, pois o espaço é limitado<sup>2</sup>. Todas as seguintes afirmações dizem respeito apenas às terapias citadas nas fontes bibliográficas apresentadas, mas a título de curiosidade, listaremos todas as modalidades oferecidas atualmente SUS:

---

<sup>2</sup> Informações mais detalhadas estarão disponíveis nas referências bibliográficas.

apiterapia, aromaterapia, arteterapia, ayurveda, bioenergética, bio-dança, constelação familiar, cromoterapia, dança circular, geoterapia, hipnoterapia, homeopatia, imposição de mãos, medicina antroposófica, medicina tradicional chinesa, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, ozonioterapia, plantas medicinais/fitoterapia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa, terapia de florais, termalismo social/crenoterapia e yoga<sup>[13]</sup>. Começaremos com a homeopatia, talvez a mais recorrentemente criticada das terapias alternativas. E não sem razão, pois nem mesmo o princípio de funcionamento deste método tem coerência. A intensidade das reações fisiológicas de um medicamento são sabidamente proporcionais à dose e frequência de aplicação. A diluição a níveis extremos dos compostos homeopáticos não poderia, desta forma, fortalecer seus efeitos, e inclusive faz com que a quantidade de moléculas de princípio ativo ingeridas pelo paciente seja nula. Então surge a famigerada explicação *ad hoc* de que a água de alguma forma misteriosa guarda uma ‘memória’ daquilo que já esteve nela diluído. O fato é que isso não ocorre<sup>[14]</sup>, e sorte nossa. Se a água *lembresse* (um conceito um tanto quanto antropomorfizante) de todos os átomos de polônio com os quais teve contato, a humanidade não estaria mais viva tamanha a toxicidade que isso geraria. Tamanha a quantidade de evidências contrárias à homeopatia<sup>[15][16][17]</sup> (até mesmo em crianças e animais<sup>[18]</sup>, exemplos clássicos de ‘placebo por procuração’ (*placebo by proxy*)<sup>[19][20]</sup>) que diversos países anunciaram este fato por suas instituições governamentais e pretendem banir a utilização dessa terapia em casos tradicionalmente graves, como cânceres, ou pelo menos proibir seu financiamento público e obrigar os fabricantes a

exporem a ineficácia na embalagem (exemplos são Austrália<sup>[21]</sup>, Espanha, Alemanha, Reino Unido<sup>[22]</sup>, Suíça, França<sup>[23]</sup> e EUA<sup>[24]</sup>). Alguém poderia se opor a essas críticas com a motivação da liberdade individual de tratar-se e a seus ‘dependentes’ da forma que se prefira, pois se não há benefício além do placebo, pelo menos não há danos. Porém, há sim relatos de danos consideráveis causados pela falta de controle de qualidade nos produtos (não há estudos pré-clínicos e clínicos antes do lançamento), além de negligência quando um tratamento comprovadamente eficiente não é oferecido. Tanto é o caso que, de acordo com diversas fontes científicas e jornalísticas, pelo menos 370 bebês foram machucados e 8 morreram supostamente em decorrência da utilização de um medicamento destinado ao alívio das dores de crescimento dos dentes fabricado pela Hyland’s, a maior empresa homeopática dos EUA<sup>2)</sup>. A análise indica a causa provável como o excesso da planta *Atropa belladonna*<sup>[25]</sup> nas pílulas, o que lhes conferiria uma alta toxicidade e faria com que os bebês mais afetados tivessem convulsões, ficassem azulados e até mesmo viessem a óbito<sup>[26]</sup>. Outras mortes de crianças por causa do uso de homeopatia ao invés de medicina baseada em evidências também ocorreram e causaram a condenação dos pais por homicídio culposo, como é o caso de uma menina de 9 meses em Sydney, na Austrália<sup>[27]</sup> (sofreu de um eczema), de um menino de sete anos em Ancona, na Itália (que teve uma otite)<sup>[28]</sup>, e de outro menino de sete anos em Girona (Espanha), que sofria de asma<sup>[29]</sup>. No Brasil o Estado é favorável à utilização da homeopatia, já que ela é oferecida pelo SUS e reconhecida como forma legítima de tratamento pelo Conselho Federal de Medicina desde 1980 – resolução(1000/80)<sup>[30]</sup>, a despeito do

incômodo de inúmeros profissionais<sup>[31]</sup>, apoiados pelo que hoje é consenso científico. A utilização de chás e ervas (fitoterapia) é por vezes confundida com homeopatia, mas é uma técnica distinta, com certos funcionamentos comprovados. Porém, não é isenta de cuidados, já que os remédios também não são regulados pela Anvisa, e sim pelo Ministério da Agricultura, e portanto não passam pelo rigor da análise clínica<sup>[32]</sup>. Especula-se que o esforço em borrar os limites entre remédio e alimento é justamente uma estratégia para evitar o processo de validação clínica desses produtos e facilitar sua distribuição comercial. Para que se desenvolva um novo medicamento há um custo de, em média, 1,3 bilhões de dólares<sup>[33]</sup> em pesquisa, além de muito tempo investido com estudos sobre a dose correta, interações medicamentosas, as possíveis alergias desencadeadas e outros efeitos colaterais... É mais lucrativo apenas criar uma embalagem e aproveitar a preferência de muitos pelo 'natural'. Mas a natureza não é pacífica: um conhecido efeito colateral dessas substâncias é a hepatite, tornando a utilização inadequada de chás a causa de mais da metade dos transplantes de fígado realizados no Brasil<sup>[34]</sup>.

Os outros métodos não baseados em evidência científica receberão uma atenção menor aqui, devido ao limite de espaço. A apiterapia sabe-se ser também potencialmente perigosa<sup>[35]</sup> (há um risco nada negligenciável de reações alérgicas e choque anafilático) e ineficaz; a constelação familiar é apontada por pesquisadores como não se enquadrando nos pressupostos éticos<sup>[36]</sup> da psicoterapia. Inclusive há fontes que apresentam evidências de piora de transtornos de ordem psicológica em pessoas a ela submetida, além de reforçar um ponto de vista familiar

hierárquico e patriarcal<sup>[37]</sup> – a propósito, essa técnica foi criada por Bert Hellinger, alguém que proferia declarações antissemitas e escrevia poemas em homenagem a Adolf Hitler<sup>[38]</sup>. A quiropraxia, além de ineficaz e sem evidências, tem a capacidade de trazer lesões sérias<sup>[39]</sup>; a aromaterapia, já que não tem regulação, pode causar alergias e outros problemas devido à forma de utilização de certos alcaloides<sup>[40]</sup>. A ozonioterapia é baseada numa afirmação equívoca (a de que ambientes ricos em oxigênio destroem células cancerígenas<sup>[41]</sup>) e também tem grande potencial de letalidade, aumentado por ser oferecida inclusive a pacientes com imunodeficiência e/ou câncer<sup>[42][43]</sup>. Florais de Bach têm resultados muito próximos aos da homeopatia, mas sua base de funcionamento é composta por alegações de ordem mística<sup>[44]</sup>. A medicina tradicional chinesa tem antigas relações com o dano à biodiversidade<sup>[45]</sup> (tráfico e extinção de animais, por exemplo). A geoterapia, por sua vez, com a utilização de cristais, além de não oferecer benefícios à saúde<sup>[46][47]</sup>, está relacionada a conhecidas investigações jornalísticas que expõem cenários brutais, incluindo morte de trabalhadores, trabalho infantil e análogo à escravidão no processo de mineração<sup>[48]</sup>, bem como degradação ambiental e exploração sexual de crianças<sup>[49]</sup> em locais paupérrimos, como Madagascar. Além disso, não bastando todos esses fatores, há dados demonstrando que quando as pessoas deixam de ser tratadas pela medicina baseada em evidências e recorrem a essas alternativas, o risco de morte em pacientes com câncer dobra<sup>[50][51][52]</sup>, aliado a um decréscimo expressivo na qualidade de vida durante o tratamento. É uma situação muito preocupante ver que a adoção de tratamentos alternativos

é em geral associada a recusas de tratamentos *convencionais* e morte de pessoas que sofriam de doenças plenamente curáveis<sup>[53]</sup>.

Como conclusão, podemos perceber que existe uma vasta produção indicando a institucionalização das terapias alternativas como um problema em nossa sociedade. Para que a saúde da população seja uma prioridade do Estado, investimentos em educação também devem estar associados. A falta de conhecimento, junto de hábitos imediatistas e um péssimo sistema de prevenção de adoecimentos (o Estado deveria proporcionar meios de manutenção da saúde mental, a possibilidade de atos saudáveis de alimentação, exercícios físicos, saneamento básico e segurança; além de garantir atendimento mais adequado por parte dos profissionais de saúde, independente da área de atuação) obscurecem a importância das medicinas preventiva e preditiva, que teriam a capacidade de reduzir a *medicalização* em excesso, por exemplo. Ainda que queiramos autonomia no trato de nossas saúdes, como pessoas leigas e sem acesso constante aos materiais necessários, temos incapacidade técnica para realizarmos autodiagnósticos – vê-se, por exemplo, os problemas acarretados pela automedicação. A saúde é dependente de um contexto, não de ações instantâneas e milagrosas. Quando formos uma sociedade que se atém mais aos fatos do que às opiniões não justificadas, poderemos com maior facilidade evitar novas ‘surpresas pandêmicas’ e elevar a qualidade de vida geral da população. Quanto à crise atual, esperemos que novas medidas sejam tomadas para que se evite o negacionismo científico nessa e em outras áreas e se dê mais valor ao que as evidências apontam, de maneira crítica e condizente com a necessidade que temos de evitar ainda mais sofrimento.

## Referências

- 1 PFIZER: EUA não compraram todas as doses que serão produzidas em 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/pfizer-eua-nao-compraram-todas-as-doses-que-serao-produzidas-em-2020/>>. Acesso em: 4 out. 2020. Citado na página 101.
- 2 ADNEY, D. R. et al. Bactrian camels shed large quantities of middle east respiratory syndrome coronavirus (mers-cov) after experimental infection. v. 8, n. 1, p. 717-723. Citado na página 101.
- 3 MERS-COV: uma nova pandemia a caminho? Disponível em: <<https://www.fleury.com.br/medico/artigos-cientificos/mers-cov-uma-nova-pandemia-a-caminho-revista-medica-ed-3-2013>>. Acesso em: 5 out. 2020. Citado na página 101.
- 4 CORONAVIRUS: Outcry after Trump suggests injecting disinfectant as treatment. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52407177>>. Acesso em: 1 out. 2020. Citado na página 101.
- 5 GLOBAL pharma spending will hit 1.5 trillion dollars in 2023, says IQVIA. Disponível em: <<https://www.pharmaceuticalcommerce.com/business-and-finance/global-pharma-spending-will-hit-1-5-trillion-in-2023-says-iqvia>>. Acesso em: 1 out. 2020. Citado na página 102.
- 6 OPIOID Overdose. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/drugoverdose/epidemic/index.html>>. Acesso em: 29 set. 2020. Citado na página 103.
- 7 WELLNESS Now a 4.2 Trillion Dollars Global Industry – with 12.8 per cent Growth from 2015-2017. Disponível em: <<https://globalwellnessinstitute.org/press-room/press-releases/wellness-now-a-4-2-trillion-global-industry/>>. Acesso em: 29 set. 2020. Citado na página 104.
- 8 ALTERNATIVE and Complementary Medicine Market Worth 196.87 Billion Dollars By 2025: Grand View Research, Inc. Disponível em: <<https://www.prnewswire.com/news-releases/alternative--complementary-medicine-market-worth-19687-billion-by-2025-grand-view-research-inc-619591673.html>>. Acesso em: 26 set. 2020. Citado na página 105.

- 9 MAIS práticas integrativas vêm ao SUS. Entidades médicas criticam. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/mais-praticas-integrativas-vem-ao-sus-entidades-medicas-criticam/>>. Acesso em: 26 set. 2020. Citado na página 105.
- 10 PORTAL da Transparência - Saúde. Disponível em: <<http://www.portal.transparencia.gov.br/funcoes/10-saude?ano=2017>>. Acesso em: 26 set. 2020. Citado na página 105.
- 11 BRASIL tem 48 Brasil. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/25/brasil-tem-48-da-populacao-sem-coleta-de-esgoto-diz-instituto-trata-brasil#:~:text=Comiss%C3%B5es%20Infraestrutura-,Brasil%20tem%2048%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20sem%20coleta,esgoto%2C%20diz%20Instituto%20Trata%20Brasil&text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Servi%C3%A7os%20de,do%20saneamento%20b%C3%A1sico%20no%20Brasil.>> Acesso em: 24 set. 2020. Citado na página 105.
- 12 SALZBERG, S. *Alternative Medicine Providers Show Their Greedy Side*. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/stevensalzberg/2013/08/26/alternative-medicine-providers-show-their-greedy-side/#19bed3ec3b59>>. Acesso em: 26 set. 2020. Citado na página 106.
- 13 MINISTÉRIO da Saúde inclui 10 novas nas práticas integrativas no SUS. Disponível em: <<http://www.crfsp.org.br/comissoes/487-acupuntura/noticias/10074-amplia%C3%A7%C3%A3o-de-procedimentos.html>>. Acesso em: 25 set. 2020. Citado na página 107.
- 14 NOVELLA, S. *The Pseudoscience of Masaru Emoto*. Disponível em: <<https://theness.com/neurologicablog/index.php/the-pseudoscience-of-masaru-emoto/>>. Acesso em: 26 set. 2020. Citado na página 107.
- 15 THE end of homeopathy. v. 366, n. 9487. Citado na página 108.
- 16 BLAKEMORE, E. *1,800 Studies Later, Scientists Conclude Homeopathy Doesn't Work*. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/smart-news/800-studies-later-scientists-conclude-homeopathy-doesnt-work-180954534/>>. Acesso em: 22 set. 2020. Citado na página 108.

- 17 ERNST, E. A systematic review of systematic reviews of homeopathy. v. 54, n. 6. Citado na página 108.
- 18 HOMEOPATHIC products and practices: assessing the evidence and ensuring consistency in regulating medical claims in the EU. Disponível em: <[https://easac.eu/fileadmin/PDF\\_s/reports\\_statements/EASAC\\_Homeopathy\\_state\\_ment\\_web\\_final.pdf](https://easac.eu/fileadmin/PDF_s/reports_statements/EASAC_Homeopathy_state_ment_web_final.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2020. Citado na página 108.
- 19 MATHIE, R. T. et al. Randomised, double-blind, placebo-controlled trials of non-individualised homeopathic treatment: systematic review and meta-analysis. v. 6, n. 63. Citado na página 108.
- 20 GRUEN, M. E.; DORMAN, D. C.; LASCELLES, B. D. X. Caregiver placebo effect in analgesic clinical trials for cats with naturally occurring degenerative joint disease-associated pain. v. 180, n. 19. Citado na página 108.
- 21 LINDE, P. *Se a homeopatia não funciona, por que não é proibida?* Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/08/ciencia/1457437017\\_576363.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/08/ciencia/1457437017_576363.html)>. Acesso em: 22 set. 2020. Citado na página 108.
- 22 NHS to ban homeopathy and herbal medicine, as ‘misuse of resources’. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2017/07/21/nhs-ban-homeopathy-herbal-medicine-misuse-resources/>>. Acesso em: 24 set. 2020. Citado na página 108.
- 23 FRANÇA não vai mais subsidiar homeopatia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/07/09/franca-nao-vai-mais-subsidiar-homeopatia.ghtml>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 108.
- 24 EUA vão conter venda de produtos homeopáticos. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/eua-va-conter-venda-de-produtos-homeopaticos.ghtml>>. Acesso em: 24 set. 2020. Citado na página 108.
- 25 FDA confirms elevated levels of belladonna in certain homeopathic teething products. Disponível em: <<https://www.fda.gov/news-events/press-announcements/fda-confirms-elevated-levels-belladonna-certain-homeopathic-teething-products>>. Acesso em: 24 set. 2020. Citado na página 109.
- 26 KAPLAN, S. *Hundreds of Babies Harmed by Homeopathic Remedies, Families Say*. Disponível em: <<https://www.scientificamerican.com/article/hundreds-of-babies>>

- harmed-by-homeopathic-remedies-families-say/>. Acesso em: 26 set. 2020. Citado na página 109.
- 27 CASAL é preso por homicídio por tratar bebê com homeopatia. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090929\\_casalaustralia\\_ba](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090929_casalaustralia_ba)>. Acesso em: 26 set. 2020. Citado na página 109.
- 28 MORTE de menino com otite tratado com homeopatia comove Itália. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/morte-de-menino-com-otite-tratado-com-homeopatia-comove-italia-21403011>>. Acesso em: 27 set. 2020. Citado na página 109.
- 29 La muerte del niño de Gerona apunta a la medicina alternativa. Disponível em: <<https://www.elmundo.es/sociedad/2016/01/09/5690101022601dfc088b459d.html>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 109.
- 30 HOMEOPATIA. Disponível em: <<http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Especialidades&acao=um&esp=31&area=51&acao=dois&campo=hist>>. Acesso em: 27 set. 2020. Citado na página 110.
- 31 MÉDICOS atacam inclusão de terapias alternativas no SUS: 'Ultrajante'. Disponível em: <<https://outline.com/BJ6SWf>>. Acesso em: 24 set. 2020. Citado na página 110.
- 32 NOVELLA, S. *What's In Your Herbal Supplement?* Disponível em: <<https://theness.com/neurologicablog/index.php/whats-in-your-herbal-supplement/>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 110.
- 33 WOUTERS, O. J.; MCKEE, M.; LUYTEN, J. Estimated research and development investment needed to bring a new medicine to market, 2009-2018. v. 323, n. 9. Citado na página 110.
- 34 VARELLA, D. *Estelionatários da internet*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/drauziovarella/2019/09/estelionatarios-da-internet.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2020. Citado na página 111.
- 35 NOVELLA, S. *Bee Venom Therapy – Grassroots Medicine*. Disponível em: <<https://sciencebasedmedicine.org/bee-venom-therapy-grassroots-medicine/>>. Acesso em: 24 set. 2020. Citado na página 111.

- 36 TALARCZYK, M. Family constellation method of bert hellinger in the context of the code of ethics for psychotherapists. v. 3. Citado na página 111.
- 37 ORSI, C. *Constelação Familiar: machismo às custas do SUS*. Disponível em: <<https://www.revistaquestaociencia.com.br/artigo/2019/12/20/constelacao-familiar-machismo-e-pseudociencia-custas-do-sus/>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 111.
- 38 HELLINGER, B. *Poem to Hitler*. Disponível em: <<http://being-at-home.blogspot.com/2017/08/poem-to-hitler-bert-hellinger.html>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.
- 39 ORSI, C. *Quiropraxia, uma ideia ruim made in USA*. Disponível em: <<https://revistaquestaociencia.com.br/artigo/2019/11/09/quiropaxia-uma-ideia-ruim-made-usa>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.
- 40 AROMATHERAPY: Do Essential Oils Really Work? Disponível em: <<https://www.hopkinsmedicine.org/health/wellness-and-prevention/aromatherapy-do-essential-oils-really-work>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.
- 41 CASSILETH, B. R. *Oxygen Therapies*. Disponível em: <<https://www.cancernetwork.com/view/oxygen-therapies>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.
- 42 GREEN, S. *Oxygenation Therapy: Unproven Treatments for Cancer and AIDS*. Disponível em: <<https://quackwatch.org/related/Cancer/oxygen/>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.
- 43 SIDDALL, R. *Health fears over doctors' use of ozone*. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/health-fears-over-doctors-use-of-ozone-1420612.html>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.
- 44 ERNST, E. Bach flower remedies: a systematic review of randomised clinical trials. v. 140, n. 13079. Citado na página 112.
- 45 CRISLIP, M. *Rhinos and tigers and bears. Oh my. TCM and extinctions*. Disponível em: <<https://www.abc.net.au/news/2019-12-31/are-wellness-crystals-ethical/11784732>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.

- 46 JONES, R. *The 'wellness' crystals people buy for supposed healing properties could be sourced unethically*. Disponível em: <<https://www.abc.net.au/news/2019-12-31/are-wellness-crystals-ethical/11784732>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.
- 47 CRYSTAL Healing: Stone-Cold Facts About Gemstone Treatments. Disponível em: <<https://www.livescience.com/40347-crystal-healing.html>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 112.
- 48 MCCLURE, T. *Dark crystals: the brutal reality behind a booming wellness craze*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2019/sep/17/healing-crystals-wellness-mining-madagascar>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 113.
- 49 O seu cristal pode ser um problema. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2019/sep/17/healing-crystals-wellness-mining-madagascar>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 113.
- 50 SANTOS, M. T. *Tratamentos alternativos para câncer podem aumentar risco de morte*. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/tratamentos-alternativos-para-cancer-podem-aumentar-risco-de-morte/>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 113.
- 51 RIBEIRO, L. *Doentes com cancro que usam (também) terapias alternativas têm duas vezes mais probabilidade de morrer*. Disponível em: <<https://visao.sapo.pt/visao-saude/2018-07-20-Doentes-com-cancro-que-usam--tambem--terapias-alternativas-tem-duas-vezes-mais-prob>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 113.
- 52 COMPLEMENTARY medicine for cancer can decrease survival. Disponível em: <<https://news.yale.edu/2018/07/19/complementary-medicine-cancer-can-decrease-survival>>. Acesso em: 28 set. 2020. Citado na página 113.
- 53 JOHNSON, S. B.; PARK, H. S.; GROSS, C. P. Complementary medicine, refusal of conventional cancer therapy, and survival among patients with curable cancers. v. 4, n. 10. Citado na página 113.

## COVID e o adoecimento da democracia latino-americana

*Luciano Weber*<sup>1</sup>

Dois olhares deveriam comprometer a atenção humana durante a pandemia de coronavírus: o coletivo e o individual. O problema é que a maioria pensa apenas em si, ou por egoísmo, ou por falta de oportunidade de refletir sobre a coletividade e, pior, não se importa em transferir para quem quer que seja – independentemente do viés autoritário que isso possa representar – a responsabilidade por gerir o bem comum. O objetivo deste trabalho é abordar tanto questões coletivas como individuais da pandemia para, ao final, compreender como uma doença contribui para a corrosão de um dos valores humanos mais importantes da vida em sociedade: a democracia.

Relatório de 15 de julho de 2020, da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (CEPAL)<sup>2</sup>, prevê uma catástrofe econômica para a região ao final deste ano, com 18 milhões de novos desempregados e 45 milhões de pessoas deixando a classe média baixa para níveis de pobreza. Isto porque o continente é o mais desigual do mundo<sup>3</sup> e, num cenário onde mais pessoas passam fome, há razões para manter preocupação quanto aos alicerces da democracia.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Bacharel em Ciência Política pela Uninter. Email: lucianoweber80@gmail.com

<sup>2</sup> Disponível em: <[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45784/1/S2000470\\_en.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45784/1/S2000470_en.pdf)>. Acesso: 29/09/2020;

<sup>3</sup> Segundo estudo divulgado em: <<https://blogs.worldbank.org/health/have-south-and-central-america-become-new-coronavirus-covid-19-epicenter>>. Acesso: 29/09/2020;

A deterioração dos meios de subsistência é anterior à pandemia. Segundo a empresa de pesquisas chilena Latinobarómetro<sup>4</sup>, em 2018 caiu para 48% o apoio à democracia, 5 pontos abaixo do ano anterior, 13 pontos a menos do que em 2010. Essa pesquisa<sup>5</sup> identificou indiferença de quase um terço dos entrevistados quanto ao tipo de governo que gostariam de ver, se democrático ou mais ditatorial. Só um quarto dos entrevistados demonstrou satisfação com a democracia. Outra pesquisa<sup>6</sup>, do Projeto de Opinião Pública da América Latina da Universidade de Vanderbilt (LAPOP), demonstrou que, antes da crise pandêmica, as preocupações econômicas e os altos índices de criminalidade e corrupção já levavam ao declínio do apoio à democracia e ao aumento do apoio a golpes militares.

Têm-se como exemplos os casos de corrupção em pelo menos 10 países da América Latina com envolvimento da empreiteira brasileira Odebrecht, o que levou milhões de pessoas às ruas em países como Brasil, Colômbia, Equador, Chile e Peru, a exigir sociedades mais justas, transparentes e inclusivas. Não se deve esquecer que a pandemia conteve esses protestos, mas eles continuam latentes, prestes a ressurgir com maior força, num sinal de alerta do coronavírus às frágeis instituições democráticas.

Verifica-se ainda que o covid-19 possibilitou aos governos que já eram autoritários aumentarem suas repressões sobre opositores. Concomitantemente, o desemprego e a informalidade cresceram, e os governos não implementaram medidas consistentes como forma de aliviar os danos econômicos nos lares. Há muitas questões éticas e de injustiça envolvidas e exemplos não faltam no Brasil, em que empresários milionários foram

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>>. Acesso: 29/09/2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.latinamerica.undp.org/content/rblac/en/home/library/democratic\\_governance/attitudestowards-politics-in-latin-america--a-review-of-regional/](https://www.latinamerica.undp.org/content/rblac/en/home/library/democratic_governance/attitudestowards-politics-in-latin-america--a-review-of-regional/)>. Acesso: 29/09/2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <[https://www.vanderbilt.edu/lapop/ab2018/2018-19\\_AmericasBarometer\\_Regional\\_Report\\_10.13.19.pdf](https://www.vanderbilt.edu/lapop/ab2018/2018-19_AmericasBarometer_Regional_Report_10.13.19.pdf)>. Acesso: 29/09/2020.

ilegalmente contemplados com o auxílio emergencial em dinheiro oferecido pelo governo, enquanto mães solteiras, desempregadas e com 3 filhos ficaram desamparadas, à mercê da própria sorte ou da solidariedade de amigos e vizinhos. Além disso, é evidente que a pandemia provoca uma desigualdade digital na educação, pois há milhões de alunos sem aula por falta de computador e internet, ou dificuldades de acesso, aprendendo pouco ou quase nada. Na saúde, então, sobram exemplos que denotam uma politização da desigualdade, em que ricos têm maior chance de se salvar e pobres morrem se não tiverem sorte. Com o desemprego crescente, aumenta a possibilidade de haver jovens recrutados pelo crime. Aliás, no desespero, pessoas boas podem tornar-se ladras, não por maldade, mas por fome. O colapso social leva pressão às instituições. Atordoado pelas demandas públicas, nem sempre o Estado consegue agir da melhor forma para restaurar a lei e a ordem. Segue-se então, conforme verifica-se nos exemplos históricos, o uso de táticas com abusos dos direitos humanos, prisões superlotadas e forças de segurança fora de controle, que tendem a se repetir e levar à corrosão da democracia.

Centenas de milhares de pessoas morreram em 2020, e ainda estão ou podem entrar na fila para o óbito, vítimas do covid19. O coronavírus causou menos danos onde há governos fortes e legítimos, grandes setores formais, sistemas de saúde eficientes, forças policiais organizadas e respeitadas e altos níveis de confiança social. Mas os países que tiveram o pior desempenho estão na América Latina e, tal como em outros lugares, lutam com grande desigualdade e baixa capacidade do Estado. Grandes porcentagens da força de trabalho nesses países também estão empregadas informalmente, o que torna difícil apoiar os trabalhadores com cortes de impostos ou reembolsos. Mas o maior determinante de todos é a liderança. Os países que estão entre os mais atingidos e que impulsionaram o caso e

as taxas de mortalidade da região são liderados por políticos que minimizaram a gravidade da crise, negaram que o governo pudesse fazer qualquer coisa a respeito ou montaram respostas políticas inadequadas que condenaram centenas de milhares de pessoas em todo o hemisfério ocidental à morte desnecessária.

No Brasil as pessoas são vítimas de duas atitudes erráticas provenientes da sua maior liderança nacional: primeiro, o negacionismo à ciência, fruto do apego às crenças não verdadeiras nem justificadas, como o estímulo à medicação sem eficácia comprovada, com cloroquina, ivermectina, azitromicina, aplicação de ozônio e outros; segundo, o cálculo político que o presidente faz para sua reeleição, pois sua análise militarizada é a de que centenas de milhares de mortos não farão diferença no resultado eleitoral, e uma vez que pôde repassar aos governadores estaduais a adoção de medidas de contenção da doença, aliado ao fato de que possui a maior máquina nacional de disseminação de notícias falsas, vai poder atribuir a eles toda a responsabilidade negativa que o país teve no período.

É este o cenário de enfrentamento do covid-19 em um olhar coletivo. Mas e o individual? Para quem possui dinheiro de sobra, talvez a pandemia passe quase despercebida. Mas para o restante, a maioria da população, há considerações a fazer em praticamente todas as direções.

Vamos tomar aqui o exemplo da empregada doméstica que antes da pandemia pegava dois ônibus para chegar ao trabalho e, ao final do mês, receber um salário mínimo para ajudar a sustentar os filhos. Sem registro em carteira, foi dispensada e ficou sem renda. Sem transporte público nem veículo próprio, teve que contar com a sorte dos vizinhos para sobreviver. Seus filhos, de uma hora para outra, não foram mais à escola, onde tinham ao menos uma refeição gratuita e interagiam com colegas. Sem renda, essa mãe não pôde pagar internet nem comprar um computador, então as crianças ficaram sem aula e sem perspectiva, com ainda mais medo do

futuro. Temos aqui a situação em que, ou a generosidade salvou essa família, ou ela ficou à mercê de ser recrutada pelo crime, ou a mãe não respeitou o confinamento e a quarentena e saiu à luta, atrás do ganha-pão, em que pese haver risco de contrair a doença, levá-la para casa e tornar vítimas os familiares. Milhões de pessoas subempregadas vivem essa situação na América Latina e milhares passam diariamente a compor esse grupo. Seria sensato esperar que essas pessoas não tenham tempo nem equilíbrio psicológico para raciocinar sobre a vida em sociedade? Colocando-se no lugar dessas pessoas, em que medida poderíamos relacionar a incerteza prolongada, intrínseca em cada ser humano, já que a esperança por dias melhores não existe mais? Pra que pensar em democracia, se o que falta é feijão e o preço do arroz está nas alturas? Se a culpa é dos políticos, por que pensar neles? Ou, se determinado político foi quem trouxe comida, por que não votar nele, independentemente de suas propostas ou da falta delas?

A resposta a essas perguntas é óbvia: a pandemia ameaça não apenas as pessoas, ela ameaça a democracia já adoecida, porque favorece o surgimento de uma nova ordem, de um governo mais autoritário, que controla a opinião pública à distância, pelo simples fato de que muitas pessoas não estão atentas à política e se deixam levar por uma mecanização informacional. É como se houvesse um movimento político para justamente tirar proveito da vulnerabilidade das pessoas na direção de serem ainda mais vulneráveis, retroalimentando um ciclo em que poderosos e ricos ganham mais poder e dinheiro e os pobres perdem mais direitos a cada dia.

## Referências

- 1 ADDRESSING the growing impact of COVID-19 with a view to reactivation with equality: new projections. Sobre a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45784/1/S2000470\\_en.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45784/1/S2000470_en.pdf). Acesso: 29 de set. de 2020.

- 2 HAVE South and Central America become the new coronavirus (COVID-19) epicenter?  
Disponível em: <https://blogs.worldbank.org/health/have-south-and-central-america-become-new-coronavirus-covid-19-epicenter>. Acesso: 29 de set. de 2020.
- 3 LATINOBARÓMETRO. Opinión Pública Latino americana. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>. Acesso: 29 de set. de 2020.
- 4 ATTITUDES towards politics in Latin America: A review of regional perception data.  
Disponível em: [https://www.latinamerica.undp.org/content/rblac/en/home/library/democratic\\_governance/attitudes-towards-politics-in-latin-america--a-review-of-regiona/](https://www.latinamerica.undp.org/content/rblac/en/home/library/democratic_governance/attitudes-towards-politics-in-latin-america--a-review-of-regiona/). Acesso: 29 de set. de 2020.
- 5 LAPOP's AmericasBarometer takes the Pulse of Democracy (Pesquisa do Projeto de Opinião Pública da América Latina da Universidade de Vanderbilt). Disponível em: [https://www.vanderbilt.edu/lapop/ab2018/2018-19\\_AmericasBarometer\\_Regional\\_Report\\_10.13.19.pdf](https://www.vanderbilt.edu/lapop/ab2018/2018-19_AmericasBarometer_Regional_Report_10.13.19.pdf). Acesso: 29 de set. de 2020.

## Anexo I

### **A crise atual seria uma manifestação da *falha metabólica* na interação ser humano-natureza?**

*Gabriel A. Galdino*

#### **1. A alienação daquilo que se produz**

Como explicar a diferença entre a letalidade do coronavírus em diferentes bairros das grandes cidades? Tomemos como exemplo a cidade do Rio de Janeiro, segundo dados do IPEA<sup>1</sup>: um bairro chamado Lagoa Rodrigo de Feiras, localizado na zona sul, o mais rico da cidade, tem uma taxa de letalidade do COVID-19 de 7%, enquanto no “Paciência”, bairro situado na zona Oeste, a mesma taxa no mesmo período de tempo foi de 25%.

Como explicar tamanha diferença entre a proporção de mortes que ocorrem em função da mesma doença em cada área da cidade?

Há várias explicações. Uma delas é a de que a taxa de mortalidade deveria ser calculada pela concentração de favelas em cada bairro e não por bairros. A partir dessa reinterpretação, a taxa de letalidade seria de 9% na zona sul e 19% na zona oeste, segundo o boletim epidemiológico da Fiocruz<sup>2</sup>.

Outra explicação, que podemos chamar de mais abrangente, seria a de que muitas pessoas que trabalham para manter o sistema de saúde, seja diretamente nos próprios setores de saúde e de limpeza ou indiretamente nos setores de produção industrial, não têm acesso ao produto do seu

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.brasilefato.com.br/2020/08/05/maioria-das-mortes-por-covid-no-rio-e-de-moradores-dos-bairros-mais-pobres-diz-ipea>. Acesso em: 4 de outubro de 2020;

<sup>2</sup> Fonte: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lanca-boletim-socioepidemiologico-da-covid-19-nas-favelas> . Acesso em 4 de outubro de 2020.

trabalho: a saúde de qualidade que é proporcionada à zona sul do Rio de Janeiro (para aprofundamento, vide Anexo II).

## 2. A alienação de si

Seguem alguns exemplos da alienação de si: i) a nossa parca apreensão de como o isolamento social realmente nos afeta, e de como ele continuará a nos afetar a curto e médio prazo; ii) as disparidades sociais que estão cada vez mais escancaradas quando comparamos as pessoas que podem fazer o *home office*, mantendo um distanciamento social, e as que não têm condições econômicas de se manterem em isolamento, pois precisam trabalhar fora de suas casas; iii) a morte em massa, a constante aproximação da morte que conta com mais um aliado (o COVID -19) e a ausência do luto. Tudo isso têm sido escamoteado e aceito como natural, demonstrando nosso distanciamento de nós mesmos enquanto seres humanos- ou animais racionais, ou λογικό ζώο<sup>3</sup>.

Em resumo, negamos nossas necessidades a tal ponto que aquele mal estar que pairava no ar da civilização freudiana se juntou como a fumaça das queimadas dos biomas brasileiros, e é a eles que respiramos hoje como se estivesse tudo bem. Não obstante, apesar de termos hipóteses sobre a situação atual, estamos sem saber, ou negando as evidências de sua real gravidade.

---

<sup>3</sup> Lógicos Zoo, tem sido traduzido do grego como “animal racional”;

## Anexo II

### Uma breve digressão

Do isolamento social, todos nós podemos falar de um ponto de vista subjetivo, seja pelas emoções suscitadas na ausência de familiares e amigos, seja pelas dores advindas da separação física com o mundo exterior às nossas casas. Mas além de considerar válido e necessário tal isolamento, uma vez que ele tem comprovado sua efetividade no combate ao vírus, também quero chamar a atenção para a condição de privilégio na qual se encontram todos aqueles cumprem quarentena em suas residências, com alimentos saudáveis, com acesso à rede de esgoto, com água encanada, energia elétrica, internet, *home office* e aulas à distância. Todos esses itens **não** são bens de acesso universal em nosso país. Portanto, que fique indicada a nossa situação de privilegiados.

Há os que contra-argumentam com as palavras de Schopenhauer: “...mas o sofrimento está em toda parte. Todos os corpos estão sujeitos ao sofrimento”. Essa dedução explicativa, além de parcial em relação a complexidade da teoria do filósofo pessimista, não leva em conta a realidade, o “mundo da vida” [Lebenswelt] de Edmund Husserl<sup>1</sup>. Essa dedução não olha a alteridade, que em nosso caso, pode ser quem está ali na sinaleira vendendo balas por alguns trocados para comprar o pão. Quem passou fome e percebeu o tom amarelado das coisas quando a busca por comida ameaça a existência, sabe muito bem expor uma gradação do sofrimento (como notamos em *Quarto de Despejo, diário de uma favelada* de Carolina

---

<sup>1</sup> Husserl, E. "A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental, uma introdução à filosofia fenomenológica", Editor: Walter Biemel; tradutor: Diogo Falcão Ferrer; Diretor científico: Pedro M. S. Alves; revisor técnico-ortográfico: Marco Antônio Casanova, primeira edição- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 83;

Maria de Jesus). Por isso, se a minha existência, em alguma medida, está assegurada pela minha posição social, ou pelas minhas obras, eu devo saber o meu lugar no mundo, estou numa condição de privilegiado em relação àqueles que todos os dias lutam pelo pão.

### **Jogo rápido:**

Objecção: “Mas e o auxílio emergencial que o governo federal está distribuindo?”<sup>2</sup>

Essa objeção se refere ao valor que o governo federal vem transferindo à parte da população, 66,5 milhões<sup>3</sup> de pessoas, a fim de fornecer condições mínimas de sobrevivência a elas. A isso contraponho: é extremamente penoso sustentar uma família inteira com R\$ 600,00, ou mesmo com R\$ 1.200,00 reais, como ocorre em alguns caso de acúmulo do benefício (quando ambos os pais estão desempregados). Só para fins de comparação, o salário base<sup>4</sup> proposto pelo DIEESE (Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), para uma família brasileira de quatro pessoas, dois adultos e duas crianças, que visaria suprir apenas despesas necessárias deveria ser, atualmente, R\$ 4.420,00 reais. A diferença entre o que supre o necessário para uma vida digna e o Auxílio Emergencial que está disponível a apenas 1/5 da população é de aproximadamente 736%. Esse valor é proporcional à desigualdade que esta pandemia traz à tona [...]

**Falas de autoridades públicas:** “Bem, é isso, não há o que fazer, 70% das pessoas vão pegar isso mesmo, se não for hoje vai ser semana

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que milhares de pessoas que deveriam acessar esse auxílio não acessaram, nem vão acessar, pois boa parte delas não têm a documentação mínima exigida: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/05/moradores-de-rua-de-sp-tem-dificuldade-para-sacar-auxilio-emergencial-por-falta-de-rg-poupatempo-esta-fechado-ha-40-dias.ghtml>. Acesso em: 06 de outubro de 2020;

<sup>3</sup> Fonte: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2020/08/03/beneficiarios-do-auxilio-emergencial-chegam-a-66-2-milhoes.ghtml> Acesso em: 06 de outubro de 2020;

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.jornalcontabil.com.br/salario-minimo-no-brasil-deveria-ser-de-r-4-42011-de-acordo-com-o-dieese/>. Acesso em: 06 de outubro de 2020;

que vem ou mês que vem”<sup>5</sup>. Fica evidente o porquê do Brasil não ter, até o dia 17 de abril de 2020, qualquer projeto governamental de incentivo à pesquisa que visasse produzir uma vacina. Eu complemento com tristeza: com “sorte” só 0,7% dessas pessoas irão morrer<sup>6</sup>. Lembrando que esses 0,7% equivalem a 1.029.000 brasileiros mortos em meio à inércia do poder público. Mas é claro que nem todos os mortos serão contados pelo governo, afinal o atual presidente já avisou que ele não é coeiro [...]

**Falas de civis** ditas de dentro de carros que fazem carreatas contra o isolamento social:

“O Brasil não pode parar!”, “Isolamento é coisa de esquerdopata!”. E para fechar: “Isolamento é coisa de comunista!”. Com eles, não vejo como dialogar no momento, acredito que só apelando à religião, através das sábias palavras de Jesus: “Pai, perdoai-os, eles não sabem o que dizem.”

Por fim, e bem rapidamente: negar o luto de mais de 150 mil mortos é assustador. Chegamos ao cúmulo de naturalizar falas de jornalistas estarrecidos, ditas em meados de abril de 2020, que afirmavam a necessidade de se abrir tantas covas que foi preciso recorrer ao uso de retroescavadeiras em alguns cemitérios das capitais brasileiras (em São Paulo<sup>7</sup> e Manaus<sup>8</sup>, por exemplo).

---

<sup>5</sup> Pronunciamento do atual presidente da República Federativa do Brasil. Fonte: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/18/carreatas-contra-isolamento-social-tem-criticas-a-maia-e-apoio-a-bolsonaro.htm>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

<sup>6</sup> Essa é a taxa de mortalidade em centros urbanos que foram fortemente impactados pelo COVID-19, como Nova York. Fonte: <https://horadopovo.com.br/atila-iamarino-defende-lockdown-para-barrar-o-avanco-do-coronavirus/>

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.otempo.com.br/brasil/escavadeiras-sao-usadas-para-abertura-de-dezenas-de-covas-em-cemiterio-de-sp-1.2326485>. Acesso em: 03 de outubro de 2020;

<sup>8</sup> Fonte: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/21/apos-boom-em-enterros-manaus-abre-covas-coletivas-para-vitimas-de-covid-19.htm>. Acesso em: 03 de outubro de 2020;

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
**[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)**